



# Ministério

Maio - Junho de 2003

Uma revista internacional para pastores e obreiros



## Origem e autoridade das ESCRITURAS



Divulgação

# Ansiedade e esperança

**JAMES A. GRESS**

*Secretário ministerial da Associação Geral da IASD*

**S**etenta e cinco anos atrás, o primeiro número da revista *Ministry* enfatizava nossa confiança no breve retorno de Jesus Cristo. Há sessenta anos, meus pais iniciaram seu ministério, confiantes de que Jesus logo voltaria, antes que eles atingissem a velhice ou fossem esperá-Lo na sepultura. Trinta anos atrás, Sharon e eu começamos zelosamente nosso trabalho, sem a menor inclinação para a necessidade de planejar uma aposentadoria que, em nossa visão, nunca alcançaríamos. Proclamar nossa confiança na certeza da volta de Cristo tornou-se prioridade em nosso trabalho, em consideração ao Seu conselho para estarmos ocupados até que Ele venha. Depois de tudo, nós e centenas de outros pastores raciocinávamos, a Igreja sempre cuidará dos seus aposentados, caso o Senhor demore.

Nós proclamamos ativamente a proximidade do retorno de Cristo, citando textos, enumerando sinais do fim dos tempos, caracterizado pelo caos entre os governos, colapso familiar em meio à deterioração social e moral, convulsões naturais, proliferação de doenças e desastres, e transigências feitas por lideranças espirituais. E não esquecemos das mais fortes advertências escriturísticas contra a multiplicação dos ministérios independentes em sua tentativa de atrair discípulos (Atos 20:29 e 30).

Por alguma razão, enquanto o terremoto de Lisboa, o dia escuro e a queda das estrelas desbotavam no recesso da História, suas indicações do imediatismo da segunda vinda eram menos persuasivas que a realidade de sua importância como sinais de transição entre os anos escuros e o tempo do fim. Quando o crescimento da Igreja requereu expansão e renovação, a pergunta: “Estaria o Senhor retardando Sua vinda?” tornou-se o código para explicar a necessidade de planos a longo prazo, expansão institucional, ou mesmo renovação de edifícios cujos críticos suspeitavam que nunca deveriam ter sido construídos.

Vivendo entre o que Charles Bradford chamou de “o ‘deveria’ e o ‘está’”, a Igreja deveria estar no reino, mas ainda está aqui na Terra. Mesmo agora, nós parecemos com pouca vontade ou incapazes de planejar uma estratégia de terminação da obra, para além do próximo quinquênio;

pois isso poderia ser percebido como uma falta de confiança no breve retorno de Cristo.


Seja como for, como um crente individual e como um pastor adventista, anseio a culminação da nossa bendita esperança. Creio firmemente em um literal, visível, pessoal e iminente retorno de Cristo Jesus. Oro para que isso aconteça enquanto eu estiver vivo. Minha confiante proclamação está fundamentada sobre estudo pessoal e enternecido desejo para ajudar outros a se prepararem para tão ditoso acontecimento.

Meus sermões mais poderosos focalizam o retorno de Jesus Cristo. Num determinado ano, preguei uma série de doze sermões sobre o assunto, utilizando sempre o último sábado de cada mês. Quando a série foi concluída, no início do outro ano, os anciãos pediram-me para continuar o tema: “Pregue os mesmos sermões, outra vez, pastor.”

Eu não estou entre os escarnecedores que indagam: “Onde está a promessa de Sua vinda?”, embora nosso Pai celestial pareça não ter Se ajustado ao tempo que imaginei. Pelo contrário, oro por paciente compreensão do Novo Testamento, que sempre coloca a aparente demora em termos de infinito amor, paciência e relutância da parte de Deus em ver pecador perecer: “Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo

contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (II Ped. 3:9).

Enquanto afirmo minha confiança no futuro e minha gratidão pelas providências de Deus no passado, sou chamado a viver no presente. Mesmo em tempos traumáticos e turbulentos, vivemos no reino da graça enquanto esperamos o reino da glória. No dizer de Barry Oliver, “enquanto olhamos ao futuro, para a vinda de Jesus, agradecidos, olhamos para a realidade presente de Sua graça que abre o Céu para nós, agora”. A esperança vigorosa antecipa o futuro. A fé viva suporta o presente.

O Apocalipse conclui com o clamor do coração solitário: “Vem, Senhor Jesus”, unido à realidade da esperança preparatória: “A graça do Senhor Jesus seja com todos.” Cristo está mais desejoso de voltar, do que eu O anseio e espero. 

**A esperança vigorosa**

**antecipa o futuro.**

**A fé viva suporta**

**o presente.**

# Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista  
do Sétimo Dia

Ano 74 – Número 03 – Mai./Jun. 2003  
Periódico Bimestral

**Editor:** Zinaldo A. Santos

**Revisoras:** Ildete Silva e Rosemara Santos

**Chefe de Arte:** Marcelo de Souza

**Programador Visual:** Alexandre Gassul Streicher

**Colaboradores Especiais:**

James Cress; Alejandro Bullón;

Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

**Colaboradores:**

Arlindo Guedes; Barito Lazo;

Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;

José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;

Mário Valente; Moisés Rivero;

Rafael L. Monteiro; Roberto Pinto

**Capa:** Heber Pintos

**Diretor Geral:** José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:** Antonio Oliveira Tostes

**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente:

[sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Redação: [zinaldo@cpb.com.br](mailto:zinaldo@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaelministerio](http://www.dsa.org.br/revistaelministerio)

Tiragem: 4.500 exemplares

5935/10766

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA  
CERTIFICADA PELA ISO 9002

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

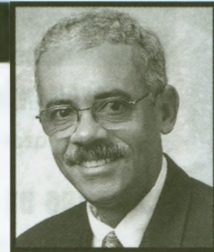
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,  
18270-970 Tatuí, SP



EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

## EDITORIAL



# Palavra de Deus

A autoridade das Escrituras Sagradas reside no fato, aceito pelos crentes, de ser ela a Palavra inspirada de Deus. Através de todo o Antigo Testamento, os escritores reivindicam essa autoridade, declarando constantemente que Deus não somente age, mas também fala. Prova disso é o fato de ser encontrada 361 vezes a expressão “diz o Senhor”. Em cada situação na qual ela aparece, indica que a declaração à qual se refere é feita por Deus e não pelo homem. Outra expressão que realça a autoridade da Bíblia é “assim diz o Senhor”, ou suas variantes, que é repetida 445 vezes. O substantivo “palavra” e as diversas variações ou combinações que significam “Palavra de Deus”, como uma comunicação divina na forma de mandamentos, profecia e palavras de auxílio, aparecem aproximadamente 540 vezes, de acordo com o falecido teólogo Gerhard Hasel.

Tais expressões revelam a reivindicação que o Antigo Testamento faz da sua autoridade. Através dele, podemos verificar que Deus Se comunicou com Seu povo através de homens inspirados pelo Espírito Santo, de tal maneira que os destinatários das mensagens tinham plena consciência de que era Deus quem falava e não meramente o instrumento humano. Jesus mesmo aceitou a Bíblia, ou as escrituras do Antigo Testamento como uma autoridade. Basta verificarmos os textos de Mateus 5:17-19; Lucas 10:25-28; 16:19-31.

Semelhantemente a autoridade do Novo Testamento está fundamentada na sua inspiração divina, na mensagem e na pessoa que Cristo é, ou seja, a fonte do conhecimento perfeito de Deus. Inúmeras passagens do Novo Testamento atestam que a palavra inspirada possui a autoridade de Cristo Jesus.

Assim, a unidade da Bíblia nos dois Testamentos tem sua origem na certeza de que ambos são inspirados pelo mesmo Espírito Santo. A unidade e continuidade dentro dos Testamentos, e entre eles, são manifestas porque a existência deles é obra do Deus triúno. A carta aos hebreus começa com a seguinte declaração: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o Universo” (Heb. 1:1 e 2).

A Bíblia tem Deus como seu autor, mas chegou até nós com a linguagem e as características peculiares dos seus escritores humanos. A compreensão desse fato é fundamental para que desenvolvamos princípios sadios e adequados de interpretação. É preciso cuidar para não subestimar os aspectos divino e humano das Escrituras. Elas não devem ser manuseadas como se fossem um livro qualquer. No dizer de Ellen White, a Bíblia “apresenta uma união do divino com o humano”.

**Zinaldo A. Santos**

## ARTIGOS

- 11 • APARANDO ARESTAS** • Como o pastor deve superar eventuais dificuldades que surgem em seu relacionamento conjugal.
- 13 • ERRO DE CÁLCULO** • Uma análise das distorções matemáticas do dispensacionalismo.
- 17 • ORIGEM E AUTORIDADE DAS ESCRITURAS** • As Escrituras Sagradas são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina por intermédio de santos homens que falaram e escreveram movidos pelo Espírito Santo.
- 21 • O DESAFIO DA PREGAÇÃO** • Como tornar o sermão relevante para os ouvintes modernos.
- 24 • O NOVO CÓDIGO** • Comentários de um educador sobre o novo código civil brasileiro.
- 25 • A MISSÃO E A COLHEITA** • O grande objetivo do nosso ministério é contribuir para a transformação de vidas que honrem ao Senhor.
- 27 • A IGREJA E A ADORAÇÃO** • Um profundo exame da liturgia à luz da Bíblia.

## SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“Toda vez que eu penso estar perdendo a fé,  
o relato bíblico me prende novamente  
com seu poder vital. Nenhum outro documento  
religioso possui tal poder.”*

Fleming Rutledge

## CARTAS

### Trindade

*Quero parabenizá-los pela matéria “Trindade – uma revelação gradual”, na edição março/abril deste ano. Como devem saber, existe um grande problema com alguns dos nossos irmãos aqui em Brasília, em relação ao assunto da Trindade. No meu entender, o artigo chegou em um momento oportuno. Acredito que auxiliará até alguns dos nossos pastores.*

*Confesso que alguns pontos abordados na matéria significaram grande novidade para mim. O Pastor Rubem Scheffel está de parabéns, pelo material coletado e pela pesquisa feita. Penso que os diretores da revista também souberam valorizar o assunto pela demonstração feita na capa. Que Deus continue abençoando o trabalho que fazem.*

Rubens Crivellaro, Brasília, DF

*Concluí o curso teológico em 1964 e sempre me interessei por assuntos dessa área. Nunca havia sido um assinante da revista Ministério, o que resolvi ser a partir deste ano. Tive o privilégio de “devorar” os artigos dos dois primeiros bimestres. Vocês foram maravilhosa e imensamente felizes no que tange à escolha de materiais necessários e úteis, teologicamente falando, e mesmo para os membros leigos, líderes em geral. Quero destacar a matéria sobre a Trindade, cujo autor é o Pastor Rubem Scheffel, na edição março/abril. Gostaria, inclusive, de obter o arquivo onde está gravado o artigo, para que eu possa transmiti-lo aos meus filhos. Trata-se de um assunto supremamente importante para todos os membros da nossa igreja. Precisamos desvendar os olhos para a sua importância.*

*Que Deus continue abençoando o ministério dos irmãos, a fim de que sejam uma bênção para a Igreja.*

Samuel Caio Dias, Goiânia, GO



Daniel Oliveira

# Milagres do EVANGELISMO

*Antes de falar de Deus aos homens, o evangelista precisa falar com Deus sobre os homens*

## ZINALDO A. SANTOS

Nos anos 60, algumas Associações e Missões instituíram o “clube dos 100”, do qual faziam parte os pastores que, durante um ano, conseguiam levar ao batismo, juntamente com suas igrejas, o mínimo de 100 pessoas. Era uma significativa vitória estar incluído nesse clube. Durante um bom tempo essa foi a meta almejada por muitos pastores. Mesmo na década seguinte, havia também o clube dos “centuriões”, com o mesmo objetivo.

Os tempos mudaram. Com a moderna ênfase no tema do crescimento de igreja e suas técnicas, já existem pastores coordenando atividades evangelísticas que resultam em mais de mil batismos anuais, em algumas regiões da Divisão Sul-Americana. Outro fator contribuinte para esse avanço é o que se poderia chamar de descentralização evangelística, que redundou na multiplicidade de opções para o cumprimento da missão. Se no passado tudo girava em torno do pastor ou de um evangelista que brilhava como uma estrela solitária, realizando campanhas, agora existem vários métodos adaptáveis às diversas regiões e circunstâncias. Além de produzirem multidões de conversos, esses métodos facilitam um maior envolvimento dos membros da igreja no trabalho.

As novas opções de trabalho missionário, no entanto, não descartam o evangelismo público. Este continua sendo um método excelente de pregação às massas. Sempre haverá situações, lugares, circunstâncias e ocasiões em que ele será necessário e produzirá sig-

nificativos resultados. Muitos servos de Deus, que se dedicam exclusivamente a essa tarefa, ainda têm muito o que partilhar de suas experiências, motivando e inspirando outros a fazerem o trabalho de evangelista.

Um desses homens é o Pastor Luís Gonçalves da Silva, nascido em Martinópolis, SP, há 35 anos. Tendo completado o ensino médio, realizou cursos de extensão em Teologia, pela Divisão Sul-Americana, e Psicologia Cristã, no Unasp, campus 1, além do curso de locução radiofônica. Atualmente, já como pastor ordenado, completa seus estudos teológicos no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, em Engenheiro Coelho, SP.

O Pastor Gonçalves trabalha como evangelista há 16 anos. Já serviu às Associações Paulista Leste, Sul e Paulista, e, atualmente, coordena o departamento de Evangelismo na Associação Paulista Central, Apac. É casado com Elkeane Moreira Aragão Silva, e tem duas filhas: Kélanie (nove anos) e Kelsie (seis anos). De seu escritório na Apac, ele falou a *Ministério* sobre sua experiência no evangelismo. A seguir os principais trechos da entrevista.

**Ministério:** *Algumas pessoas dizem que o evangelista nasce feito; outros dizem que ele se faz. Qual a sua opinião?*

**Pastor Luís Gonçalves da Silva:** Acredito que as duas afirmações podem estar corretas. Há pessoas que nascem com o dom de evangelista, e por isso são privilegiadas. Mas também creio ser possível adquirir o dom. Na história bíblica

e do cristianismo há relatos de homens que, ao serem chamados por Deus, expressaram o sentimento de nulidade, mas o Senhor os transformou em mensageiros poderosíssimos.

**Ministério:** *Qual foi o seu caso? Em que circunstâncias sentiu o chamado de Deus para se tornar um evangelista?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Sinto que Deus me outorgou esse dom antes de eu nascer, embora durante muito tempo de minha vida eu não tivesse conhecimento disso. Ou seja, eu não conhecia a verdade. Nasci em um lar católico romano e, dos 13 aos 18 anos de idade, fui um líder na congregação que frequentava. Tornei-me sacristão e dava aulas de catecismo. Então Deus me converteu, na cidade de Sorocaba, SP, e fui batizado pelo Pastor Alcides Campolongo. Na mesma semana do meu batismo, ele me convidou para ser obreiro bíblico. E foi aí, trabalhando em campanhas evangelísticas, que eu senti, entendi e aceitei o chamado divino.

**Ministério:** *Que qualidades o senhor destaca em um evangelista de êxito?*

**Pastor Luís Gonçalves:** O evangelista precisa ser um homem de muita oração e que tenha uma profunda comunhão com Deus. Antes de falar de Deus aos homens, ele precisa falar com Deus sobre os homens. O evangelista deve ser simples como a pomba e prudente como a serpente, como disse Jesus Cristo. Com isso quero dizer que ele não pode ficar num pedestal onde as pessoas mais simples não o possam alcançar e

nem tocá-lo. O evangelista precisa misturar-se com as pessoas e gostar muito do povo. Somente assim ele poderá evangelizar as pessoas. Também creio que precisa falar a linguagem do povo. Na verdade, um evangelista deve equilibrar um estilo erudito, no sentido de que deve ter uma cultura geral e, especialmente conhecer e saber expor a Palavra de Deus, com um estilo popular, ou seja, deve expor seus conhecimentos de maneira que o povo entenda o que ele fala. Jesus era popular. Não se pode confundir o estilo popular de um evangelista com estrelismo ou pregador artista, *showman*. O evangelista deve ser, acima de tudo, um cristão, um pastor.

**Ministério:** *Parece que já não se vê muitos novos evangelistas surgindo, como acontecia no passado. O senhor consegue perceber isso?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Há quem diga que o evangelista é uma espécie em extinção, mas eu não creio assim. Talvez sejam necessárias iniciativas para formar evangelistas ou despertar aqueles que possuem o dom. Mas evangelistas existem. Também é verdade que, infelizmente, alguns têm restrições ao evangelismo. Criou-se uma idéia equivocada sobre o assunto e, para muitos, o evangelismo público leva ao batismo pessoas que não estão bem preparadas, apenas para atingir alvos numéricos, contribuindo posteriormente para a apostasia. Em primeiro lugar, devo lembrar que a apostasia é um problema antigo e, talvez, tenhamos de conviver com ele, quer façamos evangelismo público ou de qualquer outro tipo. Foi no Céu onde aconteceu a primeira apostasia. Deus era o “evangelista” dos anjos. Teria Ele falhado? Não os instruíra de forma completa e correta? Por que 1/3 dos anjos apostatou? Esses anjos se tornaram demônios e inimigos de Deus. Mas a culpa não foi de Deus. Precisamos fazer uma revolução na igreja, envolvendo a todos no evangelismo, deixando claro que essa atividade não é um evento apenas, mas um processo, um estilo de vida.

**Ministério:** *O senhor iniciou suas atividades evangelísticas em Aparecida do Norte, SP, um lugar desafiador, por ser o centro do catolicismo brasileiro. Que lembranças tem daquele trabalho?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Realmente, o trabalho em Aparecida do Norte foi o maior desafio que, por Sua misericórdia,

Deus me confiou. Iniciamos o trabalho em parceria com a Associação Paulista Leste e o irmão Paulo Sérgio Vaz, um empresário adventista de São Paulo. Foi em 1992. Aparecida tem 36 mil habitantes e é o segundo vaticano do mundo. Com duas grandes basílicas e muitas igrejas espalhadas por todo o município. Começamos numa garagem, na casa de um ex-adventista, e não havia um só adventista na cidade. Depois alugamos um salão onde funcionava uma fábrica de imagens. A dona do salão (ex-diretora do círculo de orações da igreja católica) se desentendeu com o bispo e, aborrecida, resolveu alugá-lo a uma igreja evangélica. Enfrentamos muitas dificuldades. Por duas vezes, fui agredido com socos e pontapés. Em outra ocasião, fui chamado a dar explicações num conselho de pastores evangé-

*O evangelista  
deve misturar-se  
com as pessoas.*

*Somente assim poderá  
evangelizá-las.*

*Jesus era popular.*

licos que estavam perdendo muitos membros para a nossa igreja. Mas Deus fez muitos milagres: ficamos amigos desses pastores, um centro de umbanda foi fechado e a mãe de santo com seus familiares foram batizados. No dia 26 de setembro de 1992, houve uma festa inesquecível: o primeiro grande batismo, de 119 pessoas, na cidade mais católica do Brasil. Hoje temos ali uma igreja com 120 membros ativos.

**Ministério:** *Há outras experiências marcantes desse trabalho?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Batizamos a obreira do padre Marcelo Rossi. Um rapaz que planejou me agredir foi alcançado pelo poder de Deus, converteu-se, e hoje é obreiro bíblico em nossa equipe. Gastei todo o meu salário comprando tábuas para fazer bancos na antiga fábri-

ca de imagens. Dias depois, acabou-se o alimento em casa e ficamos sem nada para comer. Orei a Deus e disse: “Senhor, estou com fome e não vou pedir comida para os interessados na mensagem. Falo com eles de um Deus poderoso, que resolve os problemas das pessoas, e agora estou passando necessidade. Preciso de um milagre.” Estava ainda ajoelhado, quando o irmão Elias Sliba, da igreja de Guaratinguetá, bateu à porta. Fui atendê-lo e ele disse: “Sei do trabalho que você está realizando, e quero ajudar a alguma pessoa que estiver necessitada de alimento. Você sabe de alguém nessa situação?” Respondi-lhe, sem hesitar: eu mesmo. Emocionado, ele continuou dizendo: “Eu estava desanimado, mas agora vejo que Deus me usou para ajudá-lo. Eu e minha família vamos nos unir ao seu trabalho.” Sua filha, professora de música e cantora, passou a cuidar dessa parte durante as reuniões. Um jovem interessado batizou-se, casou com ela, tornou-se pastor e, hoje, ambos servem à Associação Paulista Sul.

**Ministério:** *A sobrevivência do evangelista, em sua função, sempre esteve relacionada a resultados numéricos expressivos e imediatos. Como convive com esse fato?*

**Pastor Luís Gonçalves:** O resultado de uma campanha evangelística é natural, quando o pregador se consagra a Deus e faz um planejamento coerente. Os alvos dos homens nada são perto daquilo que Deus deseja fazer em nós e por nós. Os alvos numéricos somente incomodam aqueles que ficam apenas com os alvos numéricos. Os alvos de Deus são mais amplos e profundos do que se pode imaginar. Envolvem pessoas verdadeiramente salvas em Seu reino. Com essa visão, o evangelista não corre apenas atrás de números. Faz a obra da melhor forma que lhe é possível, confia plenamente no Senhor e deixa com Ele os resultados. Evidentemente, tudo tem de ser bem planejado. Se você falha em planejar está planejando falhar. Trabalho com uma ótima equipe de obreiros bíblicos, procurando envolver a igreja e o pastor.

**Ministério:** *Quais as maiores dificuldades que o senhor tem encontrado hoje em seu trabalho de evangelista?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Existem duas dificuldades: uma interna e outra externa. A dificuldade interna é a falta de mais informação. Não havendo informação, faltarão apoio e envolvimento

dos membros. Quando o pastor distrital e a igreja apóiam o evangelismo, Deus realiza o milagre das conversões. A dificuldade externa é que muitos evangélicos são orientados por seus líderes a não estudarem a Bíblia com os adventistas. Eles pensam que já estão salvos e entendem que não necessitam de estudo doutrinário mais profundo. Esse é um grande problema, pois Deus mesmo disse: “Meu povo está sendo destruído por falta de conhecimento.”

**Ministério:** *Por que o senhor escolheu enfatizar assuntos proféticos em suas campanhas? Não seria mais convencional iniciar a série com assuntos mais “leves”?*

**Pastor Luís Gonçalves:** “Apocalipse – a resposta” é uma série de conferências proféticas baseada nos livros de Daniel e Apocalipse. Nessa série são apresentadas as 27 doutrinas da Bíblia, segundo a compreensão adventista do sétimo dia. Não fui eu quem escolheu esse modelo, mas a direção divina. É um trabalho impressionante e que causa impacto positivo em quem frequenta as reuniões. É preciso ver a reação das pessoas para entender o que estou querendo dizer. Elas dão a impressão de que têm sede pela verdade sem rodeios. E se satisfazem plenamente quando a ouvem. Agora, sempre vão existir pessoas que são contrárias e se tornam inimigas da verdade. Isso não nos deve intimidar. Pelo contrário, as pessoas em geral já não querem ser enganadas. Acho que perdemos tempo ficando dando voltas em torno da verdade, sem apresentá-la como é. Você pode e deve falar toda a verdade a quem quer que seja, desde que fale com sabedoria, tato e amor. Basta seguir o conselho de Paulo: “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho! Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada. Nesse caso, qual é o meu galardão? É que, evangelizando, proponha, de graça, o evangelho, para não me valer do direito que ele me dá. Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei.

Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (I Cor. 9:16-22).

**Ministério:** *Quais têm sido os resultados de fazer evangelismo seguindo esse método?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Muitas igrejas reavivadas e 15 mil pessoas batizadas. Os jovens são despertados para o evangelismo, pois nossa equipe é formada por jovens. Muitas congregações já foram estabelecidas onde não havia nenhum adventista. Gravamos tudo em VHS e hoje temos aproximadamente 600 conferências espalhadas pelo Brasil e em cerca de 15 países. Deus diz em

*Nada substitui  
a visitação de casa  
em casa, onde  
realmente conseguimos  
as grandes decisões  
por Cristo.*

Sua Palavra que, não havendo profecia, o povo se corrompe (Prov. 29:18).

**Ministério:** *Qual o índice de permanência na igreja, das pessoas batizadas em suas campanhas?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Há uma média de 10% a 15% de evasão. Entre 85% e 90% permanecem firmes na fé, graças a Deus. Para conservar os novos crentes, criamos o projeto “adote um irmão”, segundo o qual toda pessoa batizada é adotada espiritualmente por um irmão experiente. Isso alivia o trabalho do pastor e dos anciãos, além de envolver outras pessoas no programa de evangelismo. A esse projeto adicionamos o plano “Bíblias abertas e pés molhados”, da Associação Paulista Central, que incentiva a comunhão com Deus e o envolvimento missionário.


**Ministério:** *Como foi o seu trabalho na Associação Paulista Sul?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Ficamos na Paulista Sul do segundo semestre de 1997 até dezembro de 2002. Dentre os 20 lugares onde realizamos campanhas evangelísticas estão as igrejas do IAE (campus 1), Alvorada, Capão Redondo, Campo de fora, Interlagos e Mar Paulista. Em todo o período foram batizadas aproximadamente cinco mil pessoas.

**Ministério:** *E agora, recém-chegado à Associação Paulista Central, quais são os projetos?*

**Pastor Luís Gonçalves:** A Apac marcha no projeto denominado “Comunhão e ação”, que incentiva os irmãos a orarem três vezes por dia, em horários específicos e a estudarem pelo menos um capítulo da Bíblia, em família. Cada adventista também deve levar a Cristo pelo menos uma pessoa, neste ano. Foram encomendadas dez mil Bíblias personalizadas para evangelizar dez mil pessoas. Dentro desse contexto, realizaremos treinamentos com membros voluntários e pastores. Os irmãos serão motivados a ter o evangelismo como estilo de vida. Cada pastor deverá fazer uma campanha de evangelização. Também precisamos crescer na implantação de igrejas em lugares onde não há presença adventista e aumentar o contingente nas grandes cidades do nosso Campo, tais como Campinas, Sorocaba, Jundiaí, Limeira, Piracicaba e outras.

**Ministério:** *Que lições de sua experiência gostaria de partilhar com os leitores?*

**Pastor Luís Gonçalves:** Aprendi que, no evangelismo, precisamos orar muito, planejar bem o trabalho e executá-lo com dedicação. Nada vai substituir a visitação de casa em casa, onde realmente conseguimos as grandes decisões em favor de Cristo. É preciso que o evangelista se misture com as pessoas, faça amizade com elas, conquiste sua confiança, demonstre-lhes simpatia e então apresente a mensagem. Esse foi o método de Jesus e, se o colocarmos em prática, os resultados serão maravilhosos. Aprendi também que o povo está sedento da verdade. Então, vamos apresentá-la com amor, convidando as pessoas para segui-la. Nunca devemos deixar de fazer apelos. 

# As escolhas dos nossos FILHOS



**NILMA FREIRE**

*Coordenadora da Área Feminina  
da Associação Ministerial, Afam,  
na Associação Mineira Central, Brasil*

**D**esde muito cedo em nossa vida, tomamos conhecimento das palavras do sábio Salomão: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele” (Prov. 22:6).

Esse verso bíblico é muito usado quando nos dirigimos aos pais, orientando-os sobre como devem educar seus filhos. Sabemos que, se ensinarmos o caminho, com certeza eles não se desviarão. Esse é o alvo de todos os pais, especialmente de toda mãe sob cujos cuidados e orientações os filhos permanecem por mais tempo.

Todos temos conhecimento da crescente dificuldade para educar uma criança em nossos dias; pois vivemos em um mundo no qual a influência da mídia é cada vez maior e mais contraditória em relação aos princípios da vida cristã. Ensinamos o caminho, damos bom exemplo, levamos nossos filhos à Escola Sabatina todos os sábados, frequentamos os cultos, incentivamos a participarem do Clube de Desbravadores, e tantas atividades que lhes apresentam o caminho em que devem andar, mas, antes de envelhecerem, eles

*“Porque há esperança para a árvore, pois mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos” – Jó 14:7*

experimentam uma fase complicada na vida chamada adolescência.

O culto do lar, o altar da família, é imprescindível na vida das crianças, para que sejam mais fortes durante esse período, no qual estarão tomando suas próprias decisões e buscando delinear seus próprios caminhos. Muitas vezes, com nossas inúmeras responsabilidades dentro e fora do lar, muitas programações da igreja, e tantas outras que criamos, o tempo para o culto doméstico se torna escasso ou até mesmo deixa de existir. Afinal de contas, nossos filhos já estão crescidos e sabem o caminho em que devem andar – assim racionalizamos nossa negligência para com o culto diário em família.

Quando menos esperamos, o inesperado acontece. A filha começa a alterar seu estilo de vestir, acrescentando adornos e outros hábitos comuns na juventude secular, o filho não consegue mais limitar seu horário de retorno à casa, à noite, e começa a necessitar de maior mesada para acompanhar os amigos em seus programas. E ficamos sem saber o que fazer. Muitas vezes nos questionamos e até nos culpamos pela situação que começa a ficar fora de controle.

Analisando essa realidade, que está se tornando cada vez mais frequente na família ministerial, podemos sentir como dói o coração de pais e mães que têm dedicado os filhos ao Senhor, mas os contemplam escolhendo um estilo alternativo de vida, criando seus pró-

prios caminhos. Foi então que procurei no Livro Sagrado uma passagem que pudesse ser usada como conforto e esperança para esses pais. E deparei-me com o texto de Jeremias 31:15-17.

Escreve o profeta: “Assim diz o Senhor: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável por causa deles, porque já não existem. Assim diz o Senhor: Reprime a tua voz de choro e as lágrimas de teus olhos; porque há recompensa para as tuas obras, diz o Senhor, pois os teus filhos voltarão da terra do inimigo. Há esperança para o teu futuro, diz o Senhor, porque teus filhos voltarão para os seus territórios.”

Se um dos nossos filhos usa o livre-arbítrio dado pelo Criador e escolhe mudar de direção em sua jornada, não devemos nos desesperar. A saída é orar, a fim de que ele retorne ao caminho do Senhor. Nossos filhos são muito importantes para nós. Eles custam um valor imensurável, o preço do sangue de Cristo vertido na cruz. Jamais podemos desistir deles, mesmo que escolham um estilo de vida diferente, em algum período da sua vida. Como pais cristãos, devemos orar por eles, diariamente, como o fazia Jó em relação aos seus filhos (Jó 1:5). Nunca devemos abandoná-los, mas amá-los cada vez mais intensamente. Confortemo-nos com a promessa de que aqueles que se desviaram poderão retornar ao caminho que lhes foi indicado. **M**



# Lições de uma TRANSFERÊNCIA



**SKIP BELL**

*Professor de História da Igreja e diretor do Doutorado em Ministério na Universidade Andrews, Estados Unidos*

“Por que você deixou a presidência de uma Associação para ser professor?”, perguntou-me certa vez um aluno, dando-me uma oportunidade para refletir mais uma vez sobre uma jornada pessoal feita dentro de minha própria alma. Era a oportunidade para partilhar o que tenho aprendido sobre mim mesmo, meus relacionamentos e minha Igreja, no processo de transição de um chamado; um processo que tem sido desafiante, revelador e encorajador.

Tudo começou com o chamado para entrar no mundo acadêmico, e continua através de adaptações ao novo ambiente. Partilho aqui algumas descobertas pessoais, na esperança de que minha história ajude alguém a compreender-se um pouco melhor.

## Confiança em Deus

Primeiro, aprendi quão difícil é para mim confiar na providência divina. A verdade é que, não raro, Deus parece fazer o inesperado. Em meus sonhos ou planos, nunca me vi ensinando em um Seminário. Anos atrás, encontrei-me

*As preocupações de um homem que era presidente de Campo e foi chamado para ensinar, e como ele as resolveu*

com Gerhard Hasel, então deão do Seminário, em meio a uma transferência para servir à Associação de Ohio. Eu terminara o doutorado em ministério e ele me convidou para trabalhar na Universidade Andrews.

Tive uma boa razão para recusar, considerando que já tinha dado minha palavra à Associação. Mas a verdade é que não se tratava de algo a que eu aspirava. Respeitava os professores e apreciava sua incrível contribuição à missão, modelando e preparando pastores, professores e eruditos para servir à Igreja mundial. Mas eu gostava de estar na linha de frente. Considerava-me um fazedor; necessitava estar no campo.

O Dr. Hasel faleceu, mas a conversa foi reiniciada com o Departamento de Ministério Cristão da Universidade, no fim de 1999. Polidamente eu não queria fechar uma porta arbitrariamente, mas cada diálogo resultava num convite. Eu tinha certo temor. Gostava do trabalho, agora como presidente da Associação de Nova York, amava os membros e pastores das nossas congregações, os mais incríveis

cristãos que eu tinha encontrado. Tínhamos enfrentado muitos desafios juntos, em oração e amizade. Desfrutava meu trabalho e não queria deixá-lo. Minha família e eu estávamos em Nova York havia quase oito anos. Queria Deus que fôssemos para outro lugar? Talvez a Associação necessitasse de novas energia e visão. Talvez Deus quisesse que fôssemos para a Universidade; quem sabe, isso seria o melhor para nossos filhos. Orei para que Deus removesse a iniciativa da Universidade, mas Ele não o fez.

Quando fui convidado para uma entrevista, declinei. Insistiram que fizesse a entrevista por telefone. Deveria eu fechar a porta de uma vez, ou deixar que Deus dirigisse a situação? Foi difícil escapar da entrevista telefônica, de modo que deixei a porta aberta. A entrevista mexeu comigo e comeci a sentir que Deus estava guiando. Na verdade ela foi o ponto decisivo. Minha esposa Joni costuma dizer que Deus tem um propósito para tudo; e que Ele atua nas pequenas coisas, nas impressões mais simples. Aprendi que ela está correta.

## Carreira versus família

A segunda lição é a percepção de que tenho priorizado o trabalho acima da família. Eu teria negado isso antes desta transferência, justamente como muitos que estão lendo a minha história fazem agora. Na verdade eu protestava contra essa sugestão.

Sempre que recebemos um chamado, Joni e eu oramos, dialogamos sobre o assunto e consideramos os nossos filhos. Mesmo estando interessado no chamado, não respondíamos até estarmos convencidos de que tudo estaria bem com eles. Cedo em meu trabalho, ouvi um líder ser interrogado durante uma conferência: “Com tantas viagens que o senhor faz, como encontra tempo para estar com seus filhos?” Ele respondeu: “Tenho dito a Deus que eu O servirei e Ele cuidará dos meus filhos.” Reagi secretamente com descrença e desgosto. Eu era melhor do que ele, dava prioridade à minha família. Pelo menos era o que eu pensava, até ser testado.

Enquanto considerava o convite para o Seminário, a oportunidade de ter nosso filho mais jovem conosco outra vez era um fator significativo. Ele cursaria mais três anos de arquitetura, dando-nos a chance de tê-lo conosco durante esses anos. Nossa filha estava para ficar noiva de um jovem que planejava continuar seus estudos na Andrews. Estar perto deles era um desejo do meu coração e era a situação perfeita para Joni. Ainda assim eu resistia. Compreendo agora que o amor pelo trabalho algumas vezes pareceu mais importante do que o que era melhor para minha família. Eu quase disse “não”, desconsiderando suas necessidades. Reconhecer e mudar as prioridades tem sido surpreendentemente difícil para mim.

Essas descobertas não são pronunciamientos de uma alma perfeita. Você está vendo a textura real da humanidade. As confissões em geral brotam de momentos de lutas e reflexões. Há algo bom em nos vermos sem as máscaras que usamos tanto a ponto de esquecermos quem verdadeiramente somos. Mesmo as máscaras tidas como respeitáveis.

## Poder versus amor

Minha identidade se tinha entrelaçado com meu trabalho de líder da Igreja. Isso era um mau sinal. Joni sem-

pre dizia que eu perdera o senso de humor. Eu respondia que estava apenas desenvolvendo prudência. As pessoas, especialmente os empregados da Igreja, poderiam levar muito a sério minhas palavras. Algumas vezes, brincando, eu dizia que aprendera como uma expressão de amor partilhada com irmãos em minha infância poderia desencorajar alguém. Eu necessitava ser cuidadoso em benefício de outros. Mas sem o senso de humor, eu não era eu. Era o presidente da Associação.

Enquanto eu considerava o chamado para a Universidade, compreendi que minha identidade como líder de Associação era como um “paletó” que você veste e tira. As pessoas viam o “paletó” e eu ficava surpreso com a

*Deus tem um  
propósito para tudo.  
Ele atua nas  
pequenas coisas,  
nas impressões  
mais simples.*

resposta delas. Quando eu usava o “paletó” os amigos se multiplicavam, recebia atenção em detrimento de outras pessoas. O “paletó” administrativo faz a diferença. Senti-me tão confortável com os efeitos disso, que esqueci de que ele poderia ser tirado de mim e posto de lado.

Minha história não é única ou extraordinária. É simplesmente a humanidade que todos partilhamos. Eu pensava que jamais seria afetado pela posição ocupada; que minha identidade nunca seria influenciada. Mas quando me preparava para mudar o “paletó” surpreendi-me questionando se poderia ser feliz sem ele. Quando mudei o “paletó” as atenções também mudaram. Curiosamente algumas pes-

soas me tratam diferente. Vendo-me sem o “paletó” administrativo, hoje elas se sentem livres para dizer o que realmente pensam.

Estimar-me como eu sou é uma opção melhor do que ter uma identidade induzida. Isso não é fácil. Amar ou ser amado verdadeiramente é mais difícil do que assumir uma identidade. Poderíamos dizer que o poder é um terrível substituto para o amor?

## Ser ou fazer

A última lição que aprendi foi a que podemos desenvolver uma dependência espiritual sobre a experiência de ser uma bênção a outros. Essa é uma preocupação genuína para todos os que servem no nome de Deus. Meus dons espirituais foram adequados ao ministério de liderança. Minhas habilidades complementaram aqueles dons. Creio que Deus verdadeiramente dirigiu e usou meu trabalho nos anos passados. Ele capacitou-me a ajudar o Campo ao qual servi. As pessoas frequentemente expressavam sua gratidão por minha liderança. Experimentei relacionamentos sinceros com aqueles aos quais servi e isso é uma boa coisa. É também uma coisa perigosa.

Meu senso de aceitação diante de Deus, minha paz comigo mesmo, estava interligado com meu trabalho. Havia uma bênção real e tangível. O tipo de bênção que todos nós procuramos. Quando eu sabia que estava sendo uma bênção a outros, então sentia-me aceito, encontrava meu lugar. Sua necessidade de mim provia-me com um senso de autenticidade pessoal. Então eu passava a depender dessa realização e sabia que poderia perdê-la quando tudo acabasse; isto é, quando eu deixasse de ser o presidente.

Era essa compreensão que me fazia entender que devia aceitar o chamado da Universidade. Deus estava alcançando-me, para segurança da minha alma. Meus anos na Associação de Nova York serão sempre o ponto alto do meu ministério. Foram cheios das bênçãos de Deus. Mas os desafios da jornada atual também são um grande aprendizado. A vida é um eterno aprender; e que melhor lugar existe para se aprender que num Seminário?

Assim minha resposta à pergunta do aluno poderia ter sido: “Vim aprender.”

# APARANDO ARESTAS

*O desenvolvimento de uma relação forte deve ser um projeto contínuo na vida do casal pastoral. O sucesso, nessa área, é forte indicação da afetividade do pastor como um servo de Cristo*



**PAULO SARLI**

*Pastor jubilado, reside em Hortolândia, SP*

**J**oão Wesley, fundador do metodismo, em certo tempo de sua vida matrimonial, viu-se em problemas com a esposa. E numa explosão de gênio, a mulher, enfurecida, o agarrou pelos cabelos e o arrastou ao redor da casa. Não sabemos com quem estava a razão, ou mesmo se havia razão para semelhante ato de agressividade. O fato é, porém, que o pastor tem em sua esposa uma pessoa com quem deve se relacionar muito bem. Às vezes, por causa das exigências do trabalho, alguns acabam enfrentando certas dificuldades nessa área da vida.

É no relacionamento com a esposa que o pastor sente o impacto de sua fraqueza, sua humanidade e pecaminosidade; porque ela o conhece intimamente, partilha dos seus segredos, alegrias e tristezas. Muitos pastores podem ser muito bem-sucedidos em ajudar outras pessoas a resolverem seus problemas, podendo, entretanto, falhar na tentativa de estabelecer um relacionamento feliz com a própria esposa.

## Os problemas

Por que é difícil, para muitos pastores, viver uma vida conjugal pacífica e harmoniosa? Consideremos algumas razões:

Por força de sua posição de líder, o pastor possui uma personalidade, às vezes, forte. Nesse caso, ele está mais propenso para criar e promover, do que simplesmente aceitar idéias ou digerir planos estabelecidos por outros.

O pastor entrega-se de corpo e alma à sua tarefa, e isso exige dele o melhor de seu tempo e de suas energias. Outras responsabilidades tomam o segundo, terceiro ou quarto lugares em sua escala de prioridades.

O pastor está constantemente ajudando e atendendo pessoas. Muitas vezes, o lar se transforma em albergue, pensão, restaurante, escritório, consultório, ou esconderijo. Comumente, a pressão do trabalho, o desgaste emocional, o aspecto profissional e ético levam o pastor a divorciar toda e qualquer atividade pastoral da família, deixando a esposa à margem, sem qualquer participação. Isso reduz o senso de dignidade e utilidade da esposa.

O tempo do pastor não lhe pertence. Frequentemente está fora de casa, em viagens e trabalhos, roubando da família os momentos que por justiça lhe pertencem.

O pastor e sua família vivem em constante exposição, como o artigo do dia. Pequenos problemas da sua vida familiar são comentados e ampliados, tornando proporções irreais. E muitas vezes surgem desinteligências entre o pastor e a esposa, no modo de resolver esses problemas; principalmente se o pastor é do tipo perfeccionista, achando que sua família deve ser um modelo em tudo.

A esposa do pastor não pode confidenciar problemas para outro pastor, a não ser seu marido. Muitas vezes, ele não tem tempo para ouvi-la. Outras vezes, não demonstra sensibilidade para compreender os problemas dela.

Desarmonia e tensões podem surgir porque a esposa observa a grande dose de paciência do marido no trato com outras pessoas, ao contrário de sua impaciência no lar. Repetidas vezes, ele dedica horas a fio ouvindo problemas de um membro da igreja, e logo depois trata impacientemente a esposa, ferindo seus sentimentos, por exigir dele um minuto de atenção para solucionar algum problema.

O pastor gasta boa porção de seu tempo aconselhando casais que têm dificuldades, e é muito humano que a esposa abrigue algum temor de que as mulheres aconselhadas transfiram suas afeições para ele. É preciso muito equilíbrio, habilidade e tato, a fim de que nenhuma sombra de dúvida ou suspeita paire sobre a conduta do pastor.

O pastor sempre está em posição privilegiada. Constantemente recebe gratificações espirituais, emocionais e materiais pelo trabalho que realiza. Ele experimenta o gozo das promessas de Deus ao ver pessoas se convertendo através do seu trabalho. Se falha, entretanto, em partilhar essas alegrias e vitórias com a esposa, ela será tentada a se deixar dominar pelo desânimo, dúvida, frustração e pelo sentimento de inutilidade no trabalho.

Homens que se mostram bons pastores geralmente escolhem se casar com mulheres de personalidade forte, sensível, convicta e entusiasta. E a menos que seja

feito um esforço no sentido de construir pontos de ligação entre as duas personalidades, será aberto um abismo. A esposa pode sentir-se inferiorizada e diminuída em sua posição social e utilitária.

### As soluções

O desenvolvimento de uma relação saudável e forte deve ser um projeto contínuo na vida do casal pastoral. Nenhuma praxe determina essa responsabilidade. O sucesso, nessa área particular, é forte indicação da afetividade do pastor como um servo de Cristo.

Como é possível haver um bom relacionamento entre o pastor e sua esposa? Como podem manter sempre abertas as pontes de comunicação? Consideremos as seguintes sugestões:

Separe sempre algum tempo para uma palestra informal, uma troca de idéias sobre a família e outros assuntos. Torne isso uma prática regular.

O pastor e sua esposa devem orar um pelo outro, na presença e na ausência do restante da família. A oração em família tem a propriedade de conservar os melhores sentimentos e afetos do casal, desenvolvendo um espírito de respeito às atitudes e aos sentimentos do outro.

Marido e mulher devem ler e discutir livros e artigos juntos. Isso ajuda grandemente no amadurecimento do trato conjugal. O pastor poderá ser mais lógico em suas análises, enquanto a esposa poderá ser mais afetuosa. Cada um, segundo sua personalidade, dará sua contribuição.

Um bom estimulante para a comunicação conjugal é a esposa avaliar o sermão do esposo. Fazendo isso com sinceridade e espírito construtivo, estará ajudando o marido a ser mais eficiente no trabalho. Ao mesmo tempo, estará recebendo mais informações teológicas.


Periodicamente, pastor e esposa deveriam dedicar algum tempo para estarem a sós. Isso pode ser por algumas horas, durante o dia ou à noite, ou mesmo alguns dias. É indispensável que os dois vivam momentos de felicidade, atenção mútua e oração. Nenhum compromisso de trabalho, interferência de quem quer que seja, deve atrapalhar esses momentos.

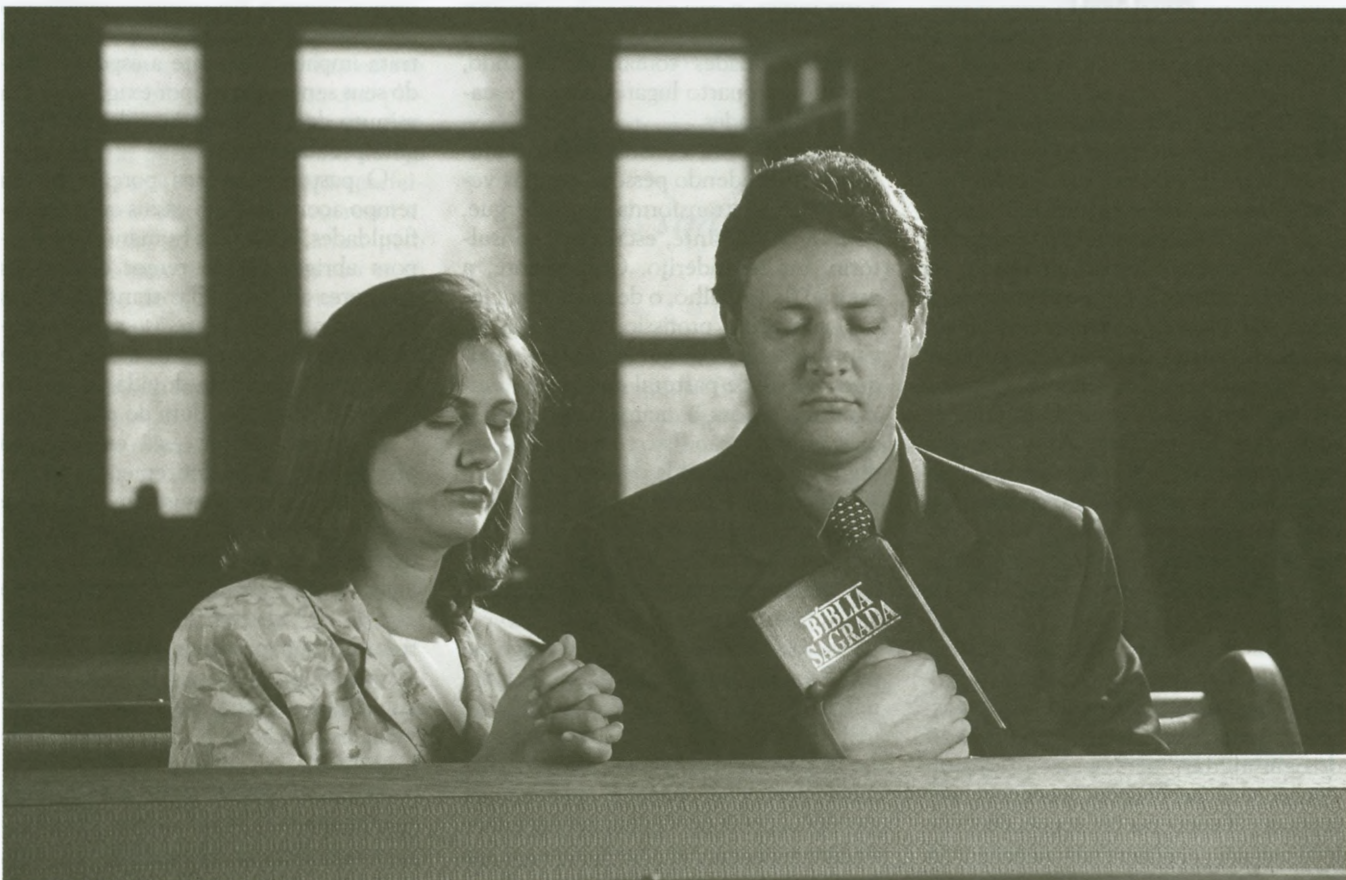
Tanto quanto possível, o pastor deveria relatar à esposa os eventos do dia. Isso a manterá informada a respeito das aspirações, realizações, ameaças, dos desafios e fracassos dentro dos quais seu

marido vive. A esposa, por sua vez, deveria partilhar livremente suas experiências do lar, igreja ou comunidade.

Periodicamente, o pastor e a esposa deveriam recordar sua vida passada. Desde que ambos dedicaram a vida ao serviço de Deus, é importante que um inventário seja feito para avaliar onde estão, como estão vivendo, quais os pontos que necessitam ser fortalecidos e os pontos fortes que devem ser celebrados humildemente e com gratidão a Deus.

O amor deve ser reafirmado por palavras e atos. O pastor deve separar tempo para dizer à esposa sobre seu reconhecimento pela participação dela no ministério. A esposa deve sentir-se apreciada, amada, valorizada, reconhecida e necessária ao lado do marido pastor. Isso feito constantemente. Confiança mútua produz alegria e felicidade.

Embora chamado por Deus para cumprir uma missão sublime, o pastor não é um anjo, nem um ser livre de fraquezas e pecado. A esposa, semelhantemente, tem mãos e não asas. Mas uma vez que decidiram viver e trabalhar juntos, deve haver uma contínua troca de sentimentos, palavras e atos de bondade, simpatia e amor. 



# ERRO DE CÁLCULO



**EDWIN de KOCK**

*Professor de Bíblia e de Inglês,  
reside em Edinburg, Texas, Estados Unidos*

Um erro aritmético no cálculo profético dispensacionalista desafia seriamente esse modelo de interpretação da profecia bíblica. O coração da escola futurista, à qual os dispensacionalistas pertencem, é a profecia das 70 semanas de Daniel 9:24-27. Na última semana desse período eles acomodam os três anos e meio mencionados em Daniel 7:25 e outras partes das Escrituras. Eles crêem que esses três anos e meio são literais, 1260 dias não simbólicos, ou 42 meses reais que completam a primeira metade de um período de sete anos de tribulação. Então, eles declaram, um anticristo pessoal, futuro, dominará o mundo.

Ademais, é argumentado que esse período começará com o arrebatamento; e o fim, com a volta gloriosa de Cristo. Entretanto, um sério erro de cálculo mina o cenário. Mas antes de abordá-lo, convém recapitular um pouco os primórdios do dispensacionalismo.

## O começo de tudo

O arrebatamento secreto tem sido pintado espetacularmente por Charlos C. Ryrie, Harold Lindsey e, mais ultimamente, Tim LaHaye e Jerry B. Jen-

*Para os adventistas, a correta interpretação das setenta semanas é essencial para a integridade da doutrina do santuário*

kins. O *Futuro do Grande Planeta Terra*, de Lindsey, publicado em 1970, tornou-se um best-seller mundial, um sucesso repetido 30 anos depois através da série *Left Behind* (Deixados Para Trás).

Os dispensacionalistas interpretam todo o período das 70 semanas simbolicamente, aceitando-o como 490 anos. Isso eles fazem de acordo com o princípio dia-ano (Núm. 14:34; Ezeq. 4:6), ou por causa da palavra hebraica *shabua*, no texto original, que deve ser traduzida como “setes”.<sup>1</sup>

As primeiras 69 das 70 semanas são, portanto, 483 anos. Até aqui seu raciocínio é semelhante ao dos teólogos da escola historicista, entre os quais estão os adventistas do sétimo dia. Mas nesse ponto eles introduzem uma longa lacuna, transportando a septuagésima semana para um futuro distante, justamente antes da segunda vinda. Acreditam que os acontecimentos da septuagésima semana não estão relacionados com Jesus, o Messias, mas com o anticristo.

A interpretação dispensacionalista depende muito do literalismo dos 1260 dias ou 42 meses, para que os números combinados totalizem precisamente 50% da última semana profética de Daniel 9:24-27. Se isso for correto, descredita a posição historicista de interpretação, à qual pertenceram Martinho Lutero, João Calvino, João Knox e muitos outros reformadores.

A essência do pensamento dispensacionalista não teve origem, como frequentemente se crê, com John N. Darby e os irmãos Plymouth, mas com escritores como Francisco Ribera (1537-1591), um jesuíta da Universidade Espanhola de Salamanca, mais de 400 anos atrás. Conhecida como futurista, sua abordagem da profecia tentava refutar os ensinamentos dos reformadores do século 16 e seus antecedentes, incluindo o católico medieval Joachim de Floris (1135-1201), “o primeiro a aplicar o princípio dia-ano aos 1260 anos”.<sup>2</sup>

Ribera igualava-se a pais da Igreja como Irineu, bispo de Lyon que também localizava o anticristo no futuro e cria que os três anos e meio eram literais.<sup>3</sup> Com essa visão, Irineu diferia de Tertuliano, seu contemporâneo norte-africano, para quem as 70 semanas foram plenamente cumpridas no primeiro advento.<sup>4</sup> Embora algumas vezes entrasse em desavença com o papa, Irineu também favoreceu a interpretação latina ensinando que a Igreja deveria confiar mais na tradição e que todos os cristãos deveriam ser guiados, em seus pensamentos, pelos bispos.<sup>5</sup>

Inicialmente, por dois séculos, os protestantes desprezaram ou ignoraram o futurismo de Ribera. Depois ele começou a aparecer em sua teologia, em obras de eruditos anglicanos tais como Samuel R. Maitland, seu discípulo James H. Todd e

outros. Todd negava enfaticamente que o papado fosse o anticristo e que o catolicismo fosse uma religião falha. Ele tinha uma influência substancial, não apenas sobre os dispensacionalistas mas também sobre o pensamento de John Henry Newman e Henry Edward Manning. Esses foram membros proeminentes do movimento que, pouco depois da metade dos anos 1840, junto com outros sacerdotes anglicanos, converteram-se à Igreja Católica Romana.

Newman e Manning, que eventualmente tornaram-se cardeais, viam o protestantismo como o cumprimento das profecias de Daniel. Isto é, a fé protestante era precursora da abominação desoladora do santuário católico. Então, o sacrifício contínuo tirado era o sacrifício da missa que os protestantes rejeitavam. Manning, que liderou a Igreja Católica na Inglaterra, era particularmente enfático nesse ponto.<sup>6</sup> A influência das pressuposições futuristas desempenhou uma parte fundamental no convencimento da veracidade da posição católica.

A base intelectual desse desenvolvimento começou com Samuel R. Maitland no início do século 19. Sua primeira publicação sobre profecia foi um panfleto de 72 páginas, intitulado *Uma Pesquisa nos Fundamentos Sobre os Quais o Período Profético de Daniel e São João Supostamente Consiste de 1260 Anos*. Seu principal ponto de apoio era uma grande negação do princípio diário. Nesse panfleto ele escreveu: "Depois de muita consideração, sinto-me convencido de que 'tempos, tempos e metade dum tempo' (Dan. 7:25); 'tempo, dois tempos e metade de um tempo' (Dan. 12:7); 'um tempo, tempos e metade de um tempo' (Apoc. 12:14); 'quarenta e dois meses' (Apoc. 11:2; 13:5); 'mil duzentos e sessenta dias' (Apoc. 11:3) não são frases místicas relacionadas a um período de 1260 anos, mas denotam um período de 1260 dias naturais."<sup>7</sup> Veremos, entretanto, que isso é impossível.

A compreensão desses 1260 dias, três anos e meio ou 42 meses é crucial para a interpretação profética. Isso é verdade para os adeptos da escola historicista, os dispensacionalistas e a Igreja romana. Ao equacionar os 42 meses do anticristo, referidos em Apoc. 13:5 com os três anos e meio que completam a metade da semana descrita em Daniel 7:25, os dispensacionalistas confiam nos cálculos literais feitos por Maitland.

Todo o cenário do fim, na visão dispensacionalista, depende destes conceitos: a idéia de que a tribulação acontecerá por sete anos (do arrebatamento ao retorno de Cristo), a negação de que o papado é o anticristo e a notória teoria da lacuna. Essa interpretação tem implicações de longo alcance. Milhões podem ser confundidos com a idéia do arrebatamento: "Quando meus amigos cristãos desaparecerem, eu terei uma segunda chance de mais sete anos a fim de me preparar para o fim."

## Futurismo

O futurismo também cega o mundo aos perigos representados pelo anticristo real, que não é um bicho-papão do futuro mas uma entidade que já se encontra em atividade no mundo. Para os futuristas, não haverá arrebatamento, mas um único segundo advento irromperá sobre um mundo surpreso, como o relâmpago que ilumina o céu (Mat. 24:27). Jesus e uma multidão de anjos radiantes descerão com brados e sons de trombeta para anunciar o dia da salvação e condenação, invadindo a atmosfera com inimaginável esplendor (Mat. 16:27; Luc. 21:27; I Tess. 4:16-18).

Todo olho O verá e as nações de perdidos se lamentarão por causa dEle (Mat. 24:30; Apoc. 1:7). Será muito tarde para aceitá-Lo como Salvador. Clamam às rochas e aos montes que caíam sobre si e os escondam da face do Senhor (Apoc. 6:14-17).

## A teoria da lacuna

A teoria da lacuna é inerentemente falha, pois contraria todas as leis conhecidas da aritmética, o senso comum e o ensinamento bíblico. Miles Beardsley Johnson diz: "Como resultado da rejeição de Cristo e Sua crucifixão, o relógio de Israel parou e o mistério da graça, a Igreja, foi introduzido. Israel, como um trem, foi tirado da linha tronco e desviado para fora do trilho onde permaneceu por 1900 anos. Sua fumaça está subindo novamente; seu sino está tocando; a nação está pronta para completar sua corrida. Desde que o período da Igreja é interminável, os passados 1900 anos são período de um intervalo, como nas competições esportivas."<sup>8</sup>

Tal linguagem certamente é pitoresca e, para certas mentes, enganosa. As grandes profecias de tempo do Senhor não são como um trem ou um jogo de futebol. Nada existe em qualquer uma

delas, especialmente em Daniel 9:24-27, que sugira o tipo de lacuna proposta nessa teoria. Deus pensa e Se expressa claramente, coerentemente, sem termos teológicos dúbios. Suponhamos que um amigo nos convide para visitá-lo por uma semana. Vamos à sua casa, mas no sexto dia, à mesa do desjejum, anunciamos que o sétimo dia da visita acontecerá algum tempo no futuro. Por essa razão, enquanto esse dia não chegar, permaneceremos em sua casa. Isso seria uma insensatez.

Quando o mensageiro do Senhor disse a Daniel: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade" (Dan. 9:24), ele foi enviado justamente para explicar, não obscurecer, a profecia. Portanto, o período significava exatamente 490 anos consecutivos, não 2490 anos ou mais. Se Deus desejasse colocar a nação judaica reprimida por dois milênios, Ele teria dito muito claramente, pois "o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas" (Amós 3:7). O fato, porém, é que depois de 34 d. C., Ele não mais trabalharia da mesma forma, como no passado, através do Seu povo Israel; mas através da Igreja cristã constituída de judeus e gentios convertidos.

O período da Igreja, além de tudo, não é interminável, como diz Johnson. A Bíblia menciona indicadores específicos, como em Mateus 24:30 e Lucas 21:25. Também trata com muitos períodos de extensão variada, incluindo os 1260, 1290, 1335 e 2300 dias.

## O porquê da aceitação

Se a teoria da lacuna é tão seriamente falha, como explicar o fato de que algumas pessoas a aceitam? Ela racionaliza o antigo erro de Irineu e outros para os quais o segundo advento teria lugar no que era, para eles, um futuro próximo. Mas Cristo não veio. Assim, por volta do século 16, quando Ribera ponderava sobre o assunto, 1400 anos se haviam passado. Como resolver o problema? A posição correta é simplesmente admitir que os primeiros católicos, como Irineu, estavam errados, e que a raiz do seu erro foi a falha em não aplicar o princípio dia-ano. Negar esse fato, entretanto, é estar encravado na urdidura de um tempo intelectual, um ponto de vista, dos anos 200 d. C., criando uma necessidade para justificar a ingenuidade jesuítica.

A teoria da lacuna, então, está intimamente ligada à idéia de que os 1260 dias são literais. Os dispensacionalistas dependem muito das idéias de Ribera e, particularmente, da negação do princípio dia-ano por Maitlands.

## A discrepância

Uma das razões por que os 1260 dias devem ser simbólicos é que, tomados literalmente, eles são mais curtos no calendário. Senão vejamos: Quantos dias tem um ano? Exceto nos anos bissextos, 365 dias. Exatamente 365,2422 dias. Calculando nessa base, temos o seguinte:  $365,2422 \text{ (dias)} \times 3,5 \text{ (anos)} = 1278 \text{ dias}$ ; não 1260. Há um excesso de 18 dias. Tomando isso como verdade, o cálculo dispensacionalista também não se constitui exatos 42 meses literais, mas algo como 41 meses e meio. Portanto, os 1260 dias não podem ser parte da tribulação de sete anos na qual a teologia dispensacionalista insiste. Nesse caso nada têm a ver com as 70 semanas de Daniel 9:24-27.

Intérpretes da escola historicista não correm esse problema. Seu cálculo é diferente:  $360 \times 3,5$  (ou  $42 \times 30$ ) = 1260. Essa, entretanto, pode não ser uma unidade natural de tempo, já que um ano não contém 360 dias, nem todos os meses são de 30 dias. Nem mesmo no antigo calendário lunar usado por Israel isso ocorre. Se isso é matematicamente impossível, no sentido literal, deve tratar-se de um período sim-

bólico, baseado na equivalência dia-ano de Números 14:34 e Ezequiel 4:6.

O literalismo de Ribera, junto com Irineu, Maitland e os dispensacionalistas também é desacreditado pelo fato de que o papado medieval já tem um surpreendente cumprimento nos 1260 anos, entre 538 d. C. e 1798 d. C. Mas para muitos adeptos do futurismo e do dispensacionalismo tal argumentação é muito indireta. Continuar vestindo o puído manto de sua falha matemática lhes parece algo mais rápido e conveniente.

## Implicações

Um dos propósitos deste artigo é chamar atenção para a prioridade na exposição desse erro. Mais importante ainda são suas implicações. A tribulação dos sete anos, supostamente tendo início com os três anos e meio referidos, torna-se uma hipótese desnecessária junto com a idéia peculiar da lacuna, já mencionada. A mesma coisa acontece com o arrebatamento secreto (alegradamente separado por sete anos do retorno de Cristo). Depois de tudo a descoberta desse erro mina a idéia de que Israel e a Igreja cristã são entidades separadas, descontínuas. Essa doutrina dispensacionalista ensina que os judeus, e mesmo o moderno Estado israelita, ainda são o povo favorito de Deus. Tudo isso agora pode ser descartado.

Para os adventistas do sétimo dia, a interpretação das setenta semanas é crucialmente importante como a pri-

meira parte dos 2300 dias de Daniel 8:14. Isso é essencial para a integridade da doutrina do santuário. Fazer as setenta semanas coincidirem com o fim da história humana, como querem os futuristas, as dissocia dos 2300 dias. Mas a exposição do erro de Maitland e Ribera ajuda a vindicar o princípio dia-ano e indica que os 2300 dias proféticos devem ser calculados como anos.

É chegado o tempo para descartarmos enfaticamente o futurismo e o dispensacionalismo de Ribera, bem como os conceitos que resultam deles. Devemos fazer isso insistindo com maior vigor na interpretação historicista da profecia, o único modelo em que cabem os fatos das predições bíblicas e seu cumprimento na História. **M**

## Referências:

- <sup>1</sup> D. Guthrie, *The New Bible Commentary Revised* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975), pág. 698.
- <sup>2</sup> LeRoy Edwin Froom, *Finding the Lost Prophetic Witnesses* (Washington D.C.: Review and Herald, 1946), pág. 31.
- <sup>3</sup> Citado em LeRoy Edwin Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation* (Washington D.C.: Review and Herald, 1946, vol. 1, págs. 247-249).
- <sup>4</sup> Tertullian, citado em Froom, *Prophetic Faith*, vol. 1, pág. 260.
- <sup>5</sup> Irineu, citado em Willis Lindquist, *Christianity and Byzantium*, vol. 4, de *The Universal History of the World* (Nova York: Golden Press, 1966), pág. 304.
- <sup>6</sup> Henry Edward Manning, *The Temporal Power of the Vicary of Jesus Christ*, págs. 250 e 260, citado em Froom, *Prophetic Faith*, vol. 3, pág. 736.
- <sup>7</sup> Samuel R. Maitland, citado em Froom, *Prophetic Faith*, vol. 3, pág. 542.
- <sup>8</sup> Miles Berardsley Johnson, citado em Sakae Kubo, *The Open Rapture* (Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1978), pág. 15.



# Faça sua igreja **CRESCER**



**GNANARAJ KORE**

*Diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Divisão Ásia do Sudeste*

O Novo Testamento nos dá significativos quadros sobre crescimento de igreja. Enquanto a comunidade de crentes crescia diariamente (Atos 2:47), a tarefa de levar o evangelho a regiões não alcançadas seguia com visão e vigor. Como isso era possível? A resposta é encontrada em Atos 2:42: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.” Um cuidadoso estudo desse verso e do restante do capítulo explica a fórmula quádrupla do crescimento local e global da igreja.

A palavra-chave é perseverar, isto é, dar constante atenção, permanecer firme. As versões *King James* e *Nova King James* trazem a frase “continuavam firmemente”. Os membros da Igreja neotestamentária não se deixaram abalar, não se deixaram dividir. Permaneceram em suas convicções, devotaram-se a quatro princípios de vida e crescimento da igreja.

## **A doutrina dos apóstolos**

Primeiramente, eles devotaram-se à doutrina dos apóstolos, o que significa conhecimento da Palavra de Deus e viver segundo essa Palavra. O ensinamento dos apóstolos estava fundamentado no amor de Deus, o plano de salvação centralizado no Cristo crucificado, ressurreto e prestes a vir, na esperança da ressurreição e no estilo de vida requerido pelo evangelho. Os cristãos reuniam-

*Quatro idéias simples e poderosas para levar sua congregação a uma experiência de crescimento em todos os sentidos*

se (v. 46) para aprender a Palavra, e sua vida tornava-se uma com ela.

Hoje, muitos membros não conhecem o que crêem nem por que crêem. Ensinamentos fundamentais de Jesus são negligenciados em muitos círculos. Mesmo o sábado parece não ser celebrado em sua ênfase primária em Deus como Criador e Redentor, sendo relegado a mero ritual. O estilo de vida nem sempre reflete o que a graça de Deus pode fazer para transformar vidas de cidadãos do reino vindouro. Na Igreja primitiva, os crentes criam na Palavra de Deus e se firmaram nela. Havia unidade em suas crenças. Não podemos ser diferentes.

## **Fraternidade**

Em segundo lugar, a Igreja primitiva era notada pelo companheirismo com o Senhor e uns com os outros. Quanto companheirismo desfrutamos na Igreja atual? Providenciamos uma atmosfera na qual membros e visitantes adoram juntos? Conheço congregações onde alguns membros nem se olham.

O espírito de fraternidade deve transformar a vida do corpo de Cristo e criar tal unidade que a comunidade note que ali existem pessoas com diferentes antecedentes e interesses, mas que podem viver e cultuar juntas, no nome de Jesus.

## **Partir o pão**

Terceira fórmula, os discípulos perseveravam no partir o “pão de casa em casa... com alegria e singeleza de coração” (Atos 2:46). Esse partir do pão pode significar a observância da Ceia do Senhor ou uma refeição tomada em

comum. A Igreja do Novo Testamento cria da irmandade de todos os crentes, sem qualquer diferença de classe. Comer juntos simbolizava sua unidade, uma família criada pelo poder salvador do Cristo ressuscitado.

A observância da Ceia do Senhor deve transcender a mera rotina para se tornar uma ocasião na qual a igreja reunida compreende sua pecaminosidade e encontra força como uma congregação que confessa corporativamente o que Deus tem feito por ela, em Jesus, bem como sua necessidade mútua. A mesa do Senhor destrói todo muro de separação e cria uma comunidade unida para a glória da cruz e para o cumprimento da missão que lhe foi confiada.

## **Oração**

Em quarto lugar, a Igreja primitiva investia tempo em oração, unida como um corpo (Atos 4:31; 12:5-12; 13:3). Muito do seu poder era conseguido através de oração e jejum. Nada funciona tão bem como o tempo gasto em oração em pequenos grupos, em lares e escolas. A oração intercessória é um poder que não temos utilizado. Quando intercedemos por outros, quando confessamos nossos pecados em oração e nos reunimos para buscar a vontade de Deus, há poder. Uma igreja que ora cresce. Oração fervente e zelosa é a maior necessidade da Igreja hoje. Precisamos orar pelo poder do Espírito Santo.

A igreja que colocar em prática essas quatro idéias simples, encontradas no Novo Testamento, será vibrante e crescerá saudavelmente. Vamos aplicá-las às nossas congregações. **M**



# ORIGEM E AUTORIDADE DAS ESCRITURAS



JO ANN DAVIDSON

**P**or que razão os cristãos insistem na natureza absoluta da Bíblia? A questão envolve uma avaliação precisa dos parâmetros e pressuposições fundamentais dentro dos quais seus autores escreveram. Com frequência eles são estabelecidos explicitamente.

Por exemplo, os escritores bíblicos não tentaram provar a existência de Deus. Sem exceção, todos eles assumem que Deus existe. Os profetas garantiam ter um conhecimento real do Deus infinito. Eles estavam absolutamente certos de que Deus falava através deles, quando diziam: “Assim diz o Senhor”.

Fleming Rutledge está correto ao afirmar: “O testemunho da Bíblia é que todos os outros deuses sob o sol são produto da mente humana, exceto o Deus do Antigo e Novo Testamentos. Quer creiamos nisso ou não, devemos admitir que se trata de uma afirmação reverente. Estou convencido de que as Escrituras colocam diante de nós alguma coisa, ou Alguém, que está muito além de tudo aquilo com que a mente humana pode sonhar.”<sup>1</sup>

## Auto-revelação de Deus

Além disso, todos os autores bíblicos crêem que Deus é quem Ele declara ser. Por exemplo, Deus Se diz capaz de pre-

*A Bíblia é a infalível revelação da vontade de Deus. Constitui o padrão de caráter, a prova da experiência, o autorizado revelador de doutrinas e o registro fidedigno dos Seus atos na História*

dizer o futuro, e que essa é uma marca de Sua divindade: “Apresentai a vossa demanda, diz o Senhor; alegai as vossas razões, diz o Rei de Jacó. Trazei e anunciai-nos as coisas que hão de acontecer; relatai-nos as profecias anteriores, para que atentemos para elas e saibamos se se cumpriram; ou fazei-nos ouvir as coisas futuras. Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses... Eu sou o Senhor, este é o Meu nome; a Minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a Minha honra, às imagens de escultura. Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas Eu vos anuncio; e, antes que sucedam, Eu vo-las farei ouvir... Ainda antes que houvesse dia, Eu era; e nenhum há que possa livrar alguém das Minhas mãos; agindo Eu, quem o impedirá?” (Isa. 41:21-23; 42:8 e 9; 43:13).

Através dos profetas Deus anunciou as grandes profecias de tempo a respeito da história das nações e também a vinda do Messias. Para alguns, Ele não poderia ser tão preciso, e argumentam que as profecias foram escritas depois da ocorrência dos fatos. Essa atitude ou visão de Deus, tal questionamento de Sua habilidade para predizer e controlar o futuro, não é encontrada em qualquer dos escritos bíblicos.

Ademais, os escritores bíblicos estavam absolutamente certos de que o Deus infinito pode e efetivamente Se comunica com seres humanos finitos. Eles jamais ar-

gumentaram que a linguagem humana fosse uma barreira à comunicação de Deus e com Deus. Na verdade, frequentemente Deus é mencionado como uma Pessoa real falando através do profeta.

As palavras de Elias em I Reis 21:19 e II Reis 9:25 e 26 são mencionadas como uma sentença que “o Senhor pronunciou contra” Nabote. A mensagem de um profeta era sempre considerada equivalente a um discurso direto de Deus. A identificação das palavras de um profeta com as palavras de Deus é tão forte no Antigo Testamento que geralmente lemos de Deus falando através do profeta; e desobedecer à palavra do profeta era o mesmo que desobedecer a Deus.

Em Deuteronômio 18:19, o Senhor fala do profeta vindouro, através de Moisés: “De todo aquele que não ouvir as Minhas palavras, que ele falar em Meu nome, disso lhe pedirei contas.” E quando Saul desobedeceu à ordem de Samuel em Gilgal, Samuel o censurou: “Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o Senhor, teu Deus, te ordenou... Já agora não subsistirá o teu reino... porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou.” (I Sam. 13:13 e 14)

## Discurso direto

Os autores bíblicos também registram incidentes de Deus falando diretamente a seres humanos no Antigo Testamento, incluindo diálogos com Adão



e Eva, antes da queda (Gên. 1:28-30; 3:9-19) e com Jó (Jó 38-41). Há também o chamado divino para Abraão (Gên. 12:1-3), a primeira de muitas conversas com o patriarca, o diálogo com Moisés na sarça ardente. O código civil no Pentateuco é registrado como palavras faladas diretamente por Deus a Moisés. A interação com Elias no Monte Horebe (I Reis 19:9-18) é mais um dos muitos diálogos com os profetas.

Os profetas do Antigo Testamento são apresentados como mensageiros enviados por Deus para falar Suas palavras. O repetido uso da fórmula introdutória – “E veio a mim a palavra do Senhor” – ou seu equivalente, usada milhares de vezes, confirma a plena autoridade da mensagem profética. Na verdade, uma característica distinta do verdadeiro profeta é que ele não fala meramente suas próprias palavras.

Através do Antigo Testamento, o ponto em destaque é que o discurso profético vem de Deus. O Senhor disse a

Moisés: “Eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êxo. 4:12); a Jeremias e Ezequiel: “Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras” (Jer. 1:9); “Mas tu lhes dirás as Minhas palavras...” (Ezeq. 2:7). As pessoas que se recusavam ouvir um profeta eram consideradas como recusando-se ouvir as “palavras do Senhor que falou” através do profeta.

Tão extensiva evidência sugere que os profetas bíblicos experimentaram alguma coisa muito mais que um “encontro divino”, que simplesmente implantava em seu coração uma convicção mística ou admiração por Deus. Deus nem sempre encontra os seres humanos com sentimentos gloriosos, mas também com informação real (Deut. 29:29). É impressionante que uma Pessoa da Trindade divina é conhecida como o Verbo.

### A palavra escrita

Intimamente relacionadas com a fala direta de Deus há indicações de

profetas escrevendo Suas palavras, que são tidas como plenamente autorizadas. Uns poucos exemplos podem sensibilizar-nos para essa realidade crucial: “Então, disse o Senhor a Moisés: Escreve isto para memória num livro...”; “Moisés escreveu todas as palavras do Senhor” (Êxo. 17:14; 24:4); “Tendo Moisés acabado de escrever, integralmente, as palavras desta lei num livro” (Deut. 31:24); “Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus” (Jos. 24:26); “Declarou Samuel ao povo o direito do reino, escreveu-o num livro e o pôs perante o Senhor” (I Sam. 10:25).

Assim, mesmo o processo de registro é movido ou impellido pelo Espírito Santo (II Ped. 1:21). A comunicação escrita também possui autoridade divina, como Moisés testemunhou: “Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor, vosso Deus, que eu vos mando” (Deut. 4:2)

A natureza da revelação de Deus é

diversa. Junto com o método de falar diretamente com os seres humanos, Deus também empregou outros meios sobrenaturais: anjos (Daniel), teofania (Isaías, Daniel, Ezequiel, Moisés, Paulo, João), sonhos (José, Faraó, Nabucodonosor), escrituras sobrenaturais (Êxo. 31:18; Dan. 5:5), uma voz do Céu (Êxo. 19:9; Mat. 3:17; II Ped. 1:17).

### Atividade divina

Embora envolva a escolha de humanos, a revelação divina nunca é controlada pelo homem. Não é uma conquista humana, mas primariamente uma atividade divina. O que encontramos nas Escrituras não é uma coleção de intuições penetrantes da divindade, nem uma descoberta de profundas percepções humanas.

Os dois Testamentos confirmam que a verdade de Deus não é o produto final de uma diligente busca humana pelo divino, ou os melhores pensamentos de alguém sobre temas elevados. Ela vem por iniciativa exclusiva de Deus à medida que Ele Se descobre à humanidade. Não somos ensinados que um profeta fala a respeito de Deus. Ao contrário, Deus fala de Si mesmo através dos Seus profetas, e a linguagem humana é considerada capaz de transmitir a comunicação divina. Todos os escritores bíblicos insistem que Deus tornou-Se conhecido, bem como os Seus atos.

Os apóstolos do Novo Testamento escreveram com a mesma absoluta autoridade dos profetas do Antigo Testamento, enfatizando que falavam pelo Espírito Santo (I Ped. 1:10-12), a quem creditavam o conteúdo dos seus ensinamentos (I Cor. 2:12 e 13). É significativo que o mesmo Paulo, que apela aos crentes no sentido de trabalharem juntos, freqüentemente usa uma linguagem dura para defender a verdade absoluta do evangelho que ele pregava (Gál. 1:6-9). De fato, o ensino apostólico era muito diretivo, dando ordens com a mais forte autoridade (I Tess. 4:1 e 2; II Tess. 3:6 e 12).

Os profetas e apóstolos não descrevem como reconheceram a palavra de Deus tão logo a receberam, mas é claro que eles estavam certos de que Deus lhes falava. Mesmo quando o Senhor falou de maneira que eles não entenderam completamente, ou quando a mensagem não era humanamente agradável, eles jamais questionaram sua origem divina.

A Bíblia, no entanto, não foi ditada

verbalmente por Deus. Mensageiros humanos foram divinamente guiados na escolha de palavras aptas para expressar a revelação divina, e assim as palavras proféticas são chamadas Palavra de Deus. A individualidade de cada escritor é evidente, todavia os elementos divino e humano são virtualmente inseparáveis.

Ellen White oferece uma intrigante percepção: “Mas a Escritura Sagrada, com suas divinas verdades, expressas em uma linguagem de homens, apresenta uma união do divino com o humano. União semelhante existiu na natureza de Cristo que era o Filho de Deus e o Filho do homem. Assim, é verdade com relação à Escritura, como o foi em relação a Cristo, que ‘o Verbo Se fez carne e habitou entre nós.’” (João 1:14).<sup>2</sup>

### Continuidade e unidade

As muitas citações do Antigo Testamento no Novo indicam que os primeiros escritos eram considerados pelos escritores do Novo Testamento uma revelação divina. Uns poucos dentre centenas de exemplos incluem: as palavras de Isaías (Isa. 7:14) citadas como “o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta” (Mat. 1:21). Jesus citou Gênesis 2:24 como palavras ditas por Deus (Mat. 19:5). Também falou de “toda palavra que sai da boca de Deus” (Mat. 4:4). Palavras das Escrituras são atribuídas ao Espírito Santo. Citando “o que foi dito por intermédio do profeta Joel” (Joel 2:28-32), Pedro insere a expressão “diz o Senhor”, atribuindo a Deus as palavras do profeta (Atos 2:16 e 17).

Isaías 9:6 foi citado por Paulo e Barnabé como algo que “o Senhor ordenou”, argumentando que uma profecia do Antigo Testamento também colocava obrigação moral sobre eles. Paulo referiu-se ao que o Espírito Santo disse através do profeta Isaías (Atos 28:25). Também citou o discurso de Deus em Êxodo 9:16 como o que a “escritura diz a Faraó” (Rom. 9:17), indicando uma equivalência entre o que a Escritura do Antigo Testamento diz e o que Deus diz.

Tal como foi visto no Antigo Testamento, os escritores do Novo também sabiam que era possível Deus falar diretamente ao povo numa linguagem humana. Isso é evidenciado pelo relato do batismo de Jesus (Mat. 3:17; Mar. 1:11; Luc. 3:22); a Transfiguração (Mat. 17:5;

Mar. 9:7; Luc. 9:35); II Ped. 1:17 e 18); na conversão de Saulo (Atos 9:4); nas instruções dadas a Ananias (Atos 9:11-16); na visão de Pedro (Atos 10:13); a Paulo em suas viagens (Atos 18:9 e 10); e na revelação a João (Apoc. 1:11-3:22).

### Jesus e o Antigo Testamento

O próprio Cristo enfatizou ter recebido a palavra de Deus. Por exemplo: “...o Pai, que Me enviou, esse Me tem prescrito o que dizer e o que anunciar” (João 12:49). Paulo diz ter recebido a revelação de Deus: “Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo” (I Cor. 14:37).

A mente dos autores do Novo Testamento estava saturada com o Antigo Testamento. Eles faziam constantes referências a essa porção das Escrituras e a citavam como apoio a seus argumentos teológicos. Os quatro evangelhos tornam óbvio que Jesus Cristo submeteu-Se sem reservas ao Antigo Testamento e confirmou sua absoluta autoridade diante de outras pessoas. Em Seus ensinamentos e ética ele era fundamental. As profecias do Antigo Testamento estavam intimamente relacionadas com a Sua vida, ao mesmo tempo em que Ele freqüentemente declarava que tudo devia ser cumprido tal como foi escrito. Jesus censurou os teólogos judeus de Seu tempo não por estudar o Antigo Testamento, mas por permitirem que as tradições humanas toldassem e até falsificassem a palavra escrita de Deus (Mar. 7:1-13).

Cristo esperava que outras pessoas aceitassem o Antigo Testamento como fonte autorizada. Muitas vezes ele inquiria: “Não lestes o que fez Davi... não lestes na lei...?” (Mat. 12:3-5). Quando foi questionado sobre o assunto do divórcio, Ele respondeu: “Não tendes lido...?” (Mat. 19:4). Certa feita, quando Sua autoridade foi questionada, Ele contou uma parábola, concluindo-a com essas palavras: “Ainda não lestes esta Escritura...?” (Mar. 12:10).

Ao responder à pergunta de um doutor da lei sobre salvação, o Mestre falou: “Que está escrito na lei? Como interpretas?” (Luc. 10:26). O doutor da lei respondeu-Lhe com uma citação direta dos dez mandamentos, ao que Jesus lhe disse: “Respondeste corretamente”. Ainda em resposta a outra pergunta dos saduceus, a respeito do casamento no Céu, Jesus disse: “Errais, não conhecendo as

Escrituras... não tendes lido o que Deus vos declarou...?” (Mat. 22:29-31).

O fariseu Nicodemos foi ao encontro de Jesus, durante certa noite. Enquanto falava de Sua missão, Jesus questionou Nicodemos: “Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas?” (João 3:10). Quando questionado a respeito dos eventos dos últimos dias, no Monte das Oliveiras, Jesus instou Seus interlocutores a que lessem o livro de Daniel para que compreendessem o assunto (Mat. 24:15).

## Realidade histórica e fatural

O apóstolo Paulo refere-se intensamente ao Antigo Testamento e enfatiza sua autoridade. Por exemplo, em sua carta aos cristãos romanos, ele constrói um poderoso argumento, mostrando que o fundamento do evangelho deve ser encontrado no Antigo Testamento. E, nesse processo, o apóstolo demonstra o supremo princípio de ouvir o que as Escrituras dizem a respeito de si mesmas.

Além disso, embora hoje algumas pessoas argumentem que a veracidade da Bíblia não inclui necessariamente os detalhes históricos, nós encontramos Jesus e os autores do Novo Testamento aceitando a historicidade do Antigo. Na verdade, os escritores do Novo Testamento confiam nas narrativas históricas do Antigo Testamento para apoiar a certeza das futuras ações de Deus.

Grudem revela muita percepção quando declara: “Talvez ainda não tenha sido suficientemente enfatizado que em nenhum lugar do Antigo ou do Novo Testamento, nenhum escritor apresenta o menor sinal de desconfiança ou desconsideração para com alguma parte da Escritura. Centenas de textos encorajam as pessoas a confiarem completamente nas Escrituras; mas nenhum texto anima qualquer dúvida ou a menor desconfiança nelas.”<sup>3</sup>

A qualidade estética da Escritura é uma parte integral de sua natureza. O toque primoroso da antiga poesia hebraica tem sido muito louvado. No último quarto de século, a qualidade literária das narrativas bíblicas finalmente tem sido reconhecida. Aceita-se agora que tais narrativas não foram histórias escritas primariamente para crianças, mas são afirmações teológicas soberbas, enunciadas dentro de uma expressão literária distintiva. Deus utiliza valores estéticos para intensificar Sua revelação, e ainda como uma parte dela.

## Interpretação e compreensão

Para alguns leitores, a Bíblia parece uma coleção enigmática de materiais sem relação mútua: narrativas, poesias, códigos legais, sermões, cartas, profecias, parábolas, editos reais, histórias e genealogias. Com tudo isso junto como que num envelope, a pergunta que alguém pode suscitar é: “Como todas essas coisas podem fazer sentido?” A questão da interpretação (hermenêutica) é um tópico de estudos teológicos contínuos. E a própria Escritura estabelece que ela pode ser lida e interpretada erroneamente. Muitos dos autores bíblicos, e o próprio Cristo, advertiram contra os falsos mestres e seus ensinoss.

Jesus mesmo providenciou o componente-chave na compreensão e interpretação da Escritura. Contrariamente ao engano dos líderes religiosos do Seu tempo que pareciam ver a letra da Escritura como tendo algum poder doador de vida em si mesma, Jesus expôs a idéia revolucionária de que deveriam abordá-la com a compreensão de que os sagrados escritos testificam dEle mesmo, e da vida através dEle (João 5:39 e 40).

O apóstolo Paulo testemunha que quando Jesus é visto nas Escrituras, um véu é removido dos olhos do pesquisador (II Cor. 3:14-16). Os dois discípulos que viajavam a Emaús também tiveram uma experiência de correta compreensão das Escrituras. O Senhor ressuscitado interpretou cristologicamente o Antigo Testamento para eles, provocando-lhes ardor no coração (Luc. 24:32).

Os cristãos contemporâneos, assim como os dois discípulos no caminho a Emaús, lêem as Escrituras. Eles também sabem da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Entretanto, alguns ainda têm de ser persuadidos a aceitar a natureza cristocêntrica das Escrituras, apresentada pelo Senhor àqueles dois discípulos. Ver a Cristo na Bíblia, com os olhos do coração, é ter a chave para interpretá-la corretamente e assim compreender seu verdadeiro propósito.

## O valor da Bíblia

Algumas pessoas assumem a posição de que diferentes porções das Escrituras são de valor e autoridade questionáveis. Porém, ao contestar esse pensamento, nenhum escritor referiu-se à questão de modo mais claro que Ellen White: “Que homem há que se atreva

a tomar a Bíblia e dizer que esta parte é inspirada e aquela outra não é? Preferiria que me arrancassem ambos os braços antes que eu fizesse uma declaração ou estabelecesse meu juízo sobre a Palavra de Deus, quanto ao que é inspirado e o que não é... Nunca permitais que um homem mortal julgue a Palavra de Deus ou dite quanto dela é inspirado e quanto não é inspirado, ou que esta porção é mais inspirada que algumas outras porções. Deus o adverte que se retire desse terreno. Deus não lhe deu tal obra para fazer. ... Exortamo-vos a que tomeis vossa Bíblia, porém não ponhais uma mão sacrílega sobre ela, dizendo: ‘Isto não é inspirado’, simplesmente por que algum outro o disse. Nem um jota nem um til jamais deve ser tirado da Palavra.”<sup>4</sup>

Deus expressa o mesmo sentimento: “Assim diz o Senhor: O Céu é o Meu trono, e a Terra o estrado dos Meus pés; que casa Me edificareis vós? E qual é o lugar do Meu repouso? Porque a Minha mão fez todas estas coisas, e todas vieram a existir, diz o Senhor, mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da Minha Palavra” (Isa. 66:1 e 2).

A doutrina cristã da Escritura é sobre mais que um livro. Através dos seus autores, encontramos um Deus que anseia por Seus filhos, que está empenhado em comunicar Seu amor por eles e que os ama com um amor superior àquele com que amou Sua própria vida. Fleming Rutledge expressa seus sentimentos a respeito disso: “Toda vez que eu penso estar perdendo a fé, o relato bíblico me prende novamente com seu poder vital. Nenhum outro documento religioso possui tal poder. Estou convencido, a despeito de muitos argumentos contrários, de que Deus realmente habita nesse texto. Como Jó, também posso dizer: ‘Eu Te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos Te vêem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza’” (42:5 e 6).<sup>5</sup>

### Referências:

- <sup>1</sup> Fleming Rutledge, *Help My Unbelief* (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), pág. 25.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1911), pág. 8.
- <sup>3</sup> Wayne A. Grudem, *Scripture and Truth* (Grand Rapids: Baker Books, 1992), pág. 31.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1957), vol. 7, págs. 919 e 920.
- <sup>5</sup> Fleming Rutledge, *Op. Cit.*, pág. 25.

# O DESAFIO DA PREGAÇÃO



**GERHARD VAN WYK**

*D.Th., Pastor distrital em Winston-Salem,  
Carolina do Norte, Estados Unidos*

Com certa freqüência, nos referimos, do púlpito, às pessoas, sem considerar seriamente as pressuposições de nossas afirmações; o que às vezes se mostra contraproducente e desastroso para o trabalho da pregação. A literatura homilética na maioria das vezes aborda apenas a forma e o conteúdo da mensagem, deixando de lado um fator preponderante: as pressuposições básicas do pregador.

As convicções do pregador e seus sentimentos a respeito do povo, ou da antropologia, podem ser vistos como um tipo de pressuposição básica que pode desafiar a congregação ao ativismo social ou à passividade pietista. Neste artigo, pietismo indica a pretensão de uma vida santa sem obras piedosas, o que significa vazio e futilidade.

## Antropologia teológica da libertação

Alguns pregadores que proclamam suas convicções antropológicas desde o púlpito, são influenciados em larga escala pela escola de pensamento conhecida como teologia da libertação. A

*É importante proclamar uma vida triunfante em Cristo, que foi crucificado e que opera através do Espírito Santo em favor da nossa cura e nossa plenitude*

teologia da libertação vê o pobre como herói de uma nova humanidade. A libertação do ser humano do sofrimento, exploração e discriminação é vista como a verdadeira libertação do homem. Conseqüentemente, as pessoas não são vistas como um meio, mas um fim em si mesmas. A dignidade humana é vista como o mais alto valor. Esse tema, estabelecido como uma opção preferencial pelo pobre, é o fio que tece a teologia da libertação. Ela não é vista como um tipo particular de teologia, mas como uma manifestação do próprio ser e missão da Igreja mundial.

A teologia da libertação assume que o evangelho necessita ser proclamado em solidariedade ativa com as lutas do pobre e explorado. Para situar-se nesse local, o pregador necessita estar convertido a um outro mundo; uma nova maneira de compreender e reformular a mensagem do evangelho. Somente quando os cristãos trabalharem para abolir a injustiça, a autenticidade será possível. Somos participantes nos atos redentivos de Deus porque desempenhamos uma parte nos atos criativos de Deus.

O pecado é visto como recusa em amar a outros e, portanto, recusa de amar a Deus. Embora as pessoas devam ser libertas dos pecados individuais, a teologia da libertação aborda o aspecto social do pecado. As pessoas tornam-se

verdadeiramente humanas pela criação de uma nova realidade social. Mudanças estruturais e pessoais estabelecem as pessoas em uma nova humanidade. Libertação e salvação não são vistas como idênticas, mas a libertação antecipa a salvação.

A pregação que brota desse tipo de antropologia pietista literaliza muito as informações sociopolíticas da Bíblia. Por exemplo, de acordo com a teologia da libertação, a versão das bem-aventuranças em Lucas 6:20-26, ao afirmar: "bem-aventurados vós, os pobres", não está se referindo aos pobres de espírito, mas aos pobres e famintos materiais. A mensagem do evangelho não deve ser espiritualizada, de modo que roube seu poder literal de libertação.

## Antropologia social

Uma mensagem que deriva das pressuposições da antropologia social vê a vida na Terra como um dos maiores dons. Isso significa que o melhor dessa vida não é atingido em isolamento, sem que estejamos envolvidos com nossos semelhantes. Na busca da vida, diz-se, deveríamos lutar para manter um relacionamento dinâmico com toda a extensão de nossa família, nossos ancestrais, com Deus e a natureza. Espera-se que estejamos envolvidos em atividades promotoras do bem-estar in-

tegral da nossa comunidade. Uma vida cristã plena não pode ser vivida em isolamento. Os seres humanos são vistos como tais, somente por causa de outros, com outros e pelos outros.

De acordo com essa antropologia, a pregação cristã, influenciada pela tradição de Agostinho, Lutero e Calvino, tem focalizado muito sobre a morte, o perdão e a salvação individual. Dessa forma, ela tende a traçar uma linha divisória entre as necessidades físicas e espirituais de uma pessoa. Os teólogos ocidentais têm sido acusados de serem presas de Calvino, e da separação resultante entre Deus e os seres humanos.

### Antropologia liberal

Há três principais feições como ponto de partida da antropologia liberal:

O *individualismo* representa o coração do liberalismo. Aqui o indivíduo é visto como mais real e fundamental do que a sociedade. A pregação assim fundamentada atribuirá um alto grau de integridade e auto-suficiência ao indivíduo, que também recebe um valor moral mais importante do que a sociedade ou grupo de pessoas.

Dessa perspectiva, o mundo como um todo é visto sem dimensões morais significativas, e assim os indivíduos devem escolher seus valores e construir sua própria moralidade de um modo racional. Em grande maneira, a autonomia e auto-suficiência do indivíduo repousa sobre a crença de que a experiência pessoal é a pedra de toque da verdade. A verdade que vem de fora pode já não ser confiável. O indivíduo pode ter um "saudável" ceticismo em relação à sabedoria tradicional e verdades aceitas. A noção liberal de autonomia individual também contém a idéia de "auto-posseção", segundo a qual os indivíduos são mestres de si mesmos.

A *liberdade individual* é tida como o mais alto valor, na antropologia liberal. Liberdade é descrita como "liberdade para". As pessoas devem ser livres de modo que nada nem ninguém interfira em suas atividades. Nessa pressuposição, a vida do indivíduo supostamente pertence a si mesmo.

Além disso é enfatizado o conceito de *igualdade*. Todos os seres humanos são considerados iguais e devem, portanto, ser igualmente sujeitos à lei e igualmente protegidos por ela. Não há privilégio de nascimento ou título. Nes-

sa abordagem, é dada tanta ênfase no indivíduo, que a lealdade a grupos é passada por alto. Para seus adeptos, a pregação não trata seriamente da liberdade para servir a Deus e ao semelhante.

### A "baixa" antropologia

Uma antropologia bíblica com uma visão inferior das pessoas é grandemente baseada na ênfase da queda humana em pecado. Sob essa pressuposição, as pessoas foram criadas à imagem de Deus, mas isso foi tido como quase completamente invalidado ou cancelado pelo pecado original. As pessoas são consideradas criaturas pecaminosas, inclinadas para tudo o que é errado e mau. Conseqüentemente, pouco se pode esperar delas. O resultado é que toda visão otimista da humanidade é evitada.

A idéia de uma antropologia "baixa" encontra alguma expressão em passagens tais como Salmos 22 e 51, bem como Romanos 3. Embora essa maneira de pensar aceite a igualdade básica das pessoas, sua ênfase não é sobre justiça como sinal de igualdade, mas sobre a necessidade universal de salvação. De acordo com essa visão, deveríamos focalizar mais sobre o mundo futuro, considerando que o mundo presente deveria ser apenas suportado. Lategan está convencido de que uma antropologia inferior não apenas inibe a mudança, mas evita o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva (*Journal of Theology for Southern Africa*, 76, pág. 89). A noção de uma antropologia inferior tende a recusar o conceito de direitos humanos.

Alguns eruditos crêem que essa visão realmente tem sido mais influenciada pelas visões neoplatônica e agostiniana da humanidade e não tanto pelo pensamento bíblico. Nela o mal é visto como uma entidade sobrenatural, preexistente, auto-reprimida, encarnada e incorporada nos seres humanos.

Alguns eruditos crêem que essa visão realmente tem sido mais influenciada pelas visões neoplatônica e agostiniana da humanidade e não tanto pelo pensamento bíblico. Nela o mal é visto como uma entidade sobrenatural, preexistente, auto-reprimida, encarnada e incorporada nos seres humanos.

*Não somos  
capazes apenas  
de viver pecando,  
mas somos hábeis  
para ser novas  
criaturas em  
Cristo Jesus.*



Montagem sobre ilustrações de A. Fios

## A “alta” antropologia

O tema da “imagem de Deus”, na história da criação exemplifica uma antropologia superior, em contraste com a abordagem inferior. Um texto que é visto como prova de sua validade é o de Salmo 8:4-8. Muito da teologia pastoral americana, em particular, parece ter sido influenciada por essa “alta” antropologia e pela visão liberal das pessoas. Boison, considerado o pai do Movimento Educacional de Clínica Pastoral, cria que teólogos e pastores deveriam estudar as pessoas em angústia e as passagens bíblicas que tratam dessa questão.

Um novo modelo ou visão da natureza da humanidade foi desenvolvido dentro do Movimento Educacional de Clínica Pastoral. As pessoas eram tidas como devendo ser dinâmicas e capazes de desenvolvimento e mudança. Embora as relações humanas fossem consideradas como da mais alta importância, o relacionamento com Deus certamente não era ignorado.

## Antropologia cristocêntrica

A visão cristocêntrica das pessoas aponta o fato de que o texto de Hebreus 2, por exemplo, integra os aspectos inferior e superior da antropologia. Hebreus 2:5-18 é tido como a reinterpretação cristocêntrica do Salmo 8. De acordo com esses textos, pouco ou nada das elevadas expectativas para os seres humanos tem sido cumprido: “Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a Ele sujeitas” (Heb. 2:8). Para o autor de Hebreus, isso significa que nem mesmo os cristãos alcançaram todo o seu potencial.

O que foi descrito em Salmo 8 como uma “alta” antropologia é agora usado como atributo de uma “baixa” antropologia. Por um pouco, Jesus foi feito menor que os anjos, e menor que os anjos representa um pouco inferior a eles. Isso serve para indicar a humilhação de Jesus, que, no entanto, tinha um propósito peculiar. Através dos Seus sofrimentos Ele foi coroado com honra e glória, e, como resultado, abriu o caminho para o homem alcançar todo o seu potencial e alto chamado.

A humilhação não é dessa forma um *status* permanente de Cristo, mas torna-se a maneira funcional pela qual a plenitude da humanidade, de acordo com Salmo 8, é alcançada. A vida de Jesus é tanto um irônico comentário sobre as falhas humanas, como uma de-

monstração miraculosa de como as falhas podem ser vencidas. Jesus conduz “muitos filhos à glória” (Heb. 2:10) e restaura-lhes a plena humanidade (Heb. 2:14-18).

Uma visão cristocêntrica do homem é uma recusa em aceitar os efeitos destrutivos do pecado como um estado permanente. Por outro lado, também recusa ser inabalável antropologia otimista.

## Antropologia integral

Seria realmente possível uma visão integral do homem? Seria possível, em nossa pregação e ensino, evitar os enganos e o reducionismo de algumas das antropologias aqui delineadas, e construir uma antropologia que trate os seres humanos como um todo?

De acordo com as pressuposições integrais, a Bíblia conhece apenas o ser hu-

*Não podemos deixar  
de considerar  
integralmente as  
pessoas que nos ouvem  
semana após semana.*

mano total, não partes diferentes que alguns têm definido ou separado em caminhos dualísticos. O ser humano não tem apenas corpo, mas num sentido integral, ele também é um corpo. Estabelecer que “eu sou meu corpo” é dizer muito; mas dizer “eu tenho um corpo” é dizer muito pouco. Sermões que desafiem apenas o lado espiritual das pessoas, sem direcionamento algum à sua existência física e social, podem ser nada mais que apontar um manjar no Céu para quem está com fome agora.

Algumas vezes podemos ser tentados a passar por alto a importância das pessoas como seres sociopolíticos e esquecer que todas as pessoas podem adorar a Deus somente dentro de uma cultura particular e num contexto social específico. Se realmente queremos que elas ouçam e compreendam todo o evange-

lho e suas implicações, então é importante tornar conhecido o texto que diz respeito ao ser humano como um todo.


Teólogos que operam com oposições binárias, isto é, vêem a realidade simplesmente em termos de bom/mau, branco/preto, espírito/carne, verdade/mentira, são freqüentemente tentados a ser, por um lado, totalmente contra qualquer idéia de integralidade; e, por outro, podem ter caído presas do perfeccionismo. Tendem a ser extremamente unilaterais. Por um lado, declarações como: “Mais elevado do que o sumo pensamento humano pode atingir, é o ideal de Deus para com Seus filhos. A santidade, ou seja, a semelhança com Deus, é o alvo a ser atingido” (*Educação*, pág. 18), nunca deveriam ser compreendidas à parte da redenção e da recriação de Cristo.

Por outro lado, em nossa pregação, não deveríamos enfatizar a desesperança do povo de Deus de um modo mecânico e irrefletido, ou minimizar o potencial das pessoas que foram recriadas por Cristo. Não somos capazes apenas de viver pecando, mas somos hábeis para ser novas criaturas em Cristo Jesus.

É importante compreendermos que somos pessoas livres em Cristo. Muitos pregadores enfatizam a condição desesperadora de nossa humanidade, não porque isso seja uma verdade bíblica, mas porque as pessoas gostam de ser “confortadas” com esse tipo de pregação: quanto pior elas sentem a respeito de si mesmas, melhor lhes parece.

## Falando ao ser total

Em meio de todas as idéias, concepções e pressuposições sobre as pessoas que estão atrás de nossa pregação, existe a necessidade crítica de começarmos a orar, pensar e trabalhar na direção de uma antropologia cristocêntrica. Depois de todos os horrores do século passado e do terror que parece se multiplicar entre nós, nestes dias, é importante compreendermos a visão mundial dos desastrosos efeitos do nosso pecado.

Entretanto, é ainda mais importante para nós, proclamar uma vida triunfante em Cristo, que foi crucificado e que opera através do Espírito Santo em favor da nossa cura e nossa plenitude. Em nosso mundo pecaminoso, não podemos nos permitir deixar de considerar integralmente alguém que absorve tudo o que vem de nós e dos nossos púlpitos semana após semana. 

# O NOVO CÓDIGO CIVIL



**JOSÉ CARLOS EBLING**

*PhD., professor no Centro Universitário Adventista, Engenheiro Coelho, São Paulo, Brasil*

*O maior impacto não vai atingir as denominações sérias, diz especialista*

Desde o dia 11 de janeiro deste ano, o Novo Código Civil Brasileiro vem gerando discussões e certa inquietação entre os líderes de outras denominações evangélicas. Entre nós, porém, pouco se tem falado a respeito do assunto bem como sobre a maneira pela qual a Igreja deve se preparar para a nova realidade.

Numa entrevista concedida à revista *Enfoque Gospel*, o advogado Luiz Fernando Gevaerd, falou sobre o novo código e as igrejas evangélicas. Para que não fiquemos alheios ao assunto, vale a pena atentar para as suas observações. Entre as muitas mudanças necessárias nos estatutos, no prazo de um ano, ele mencionou “a prestação de contas obrigatórias para todos os membros da comunidade... antes, isso não era obrigatório. Mas as igrejas organizadas já cumpriam essa exigência e não vão ter dificuldades para se adaptar”.

Segundo o Dr. Gevaerd, “é importante que as igrejas não se deixem impressionar por um certo alarmismo de alguns advogados que, pretendendo angariar clientes novos, estão fazendo prosopopéia, dizendo que tudo precisará ser mudado e tudo será complicado. Não é bem assim”.

Sobre as regras para exclusão de membros, a verdade é que não se pode agir de

forma arbitrária, como um ato isolado de um líder, sem que se faculte à pessoa envolvida no processo de exclusão o direito de defesa. Hoje, atos dessa natureza estão sujeitos à prestação judicial. Isso significa que ninguém pode ser alvo de um linchamento moral por conta de perseguição pessoal ou política. “O que vai prevalecer”, diz o Dr. Gevaerd, “é o estatuto da Igreja. A pessoa só pode ser excluída se descumprir regras do estatuto e que devem ser claras. Muitas não são nem claras nem escritas. Às vezes, prevalece a que nem está escrita, mas faz parte da conduta de determinadas igrejas e denominações. Cortar o cabelo, por exemplo. Alguém podia ser excluído por descumprir essa regra mas, se não estiver clara no estatuto da igreja, não poderá haver exclusão.”

O assunto do homossexualismo tem sido abordado de várias maneiras pelas diferentes denominações evangélicas, e até mesmo entre nós. Muitas pessoas hoje têm medo de falar sobre o homossexualismo. Entretanto, segundo o novo código, o que não pode é haver discriminação. A Igreja pode não ter nada contra o homossexual, mas pode ser perfeitamente contra a prática do homossexualismo. Ela não é obrigada a tolerar o que contraria as regras de fé e prática que estão nas Sagradas Escrituras.


Se a igreja possui um código de disciplina no qual existe uma cláusula informando que os membros devem obedecer as regras de comportamento pautadas na Bíblia, aquele que violar a cláusula irá submeter-se a uma comissão de disciplina que vai graduar a penalidade, advertência, suspensão e exclusão.

Ainda de acordo com o especialista, a mudança que será mais problemática

para as igrejas evangélicas em geral “será a prestação de contas e a aplicação dos recursos. Na questão financeira a gestão de uma Igreja precisará ser similar à de uma empresa. Será preciso seguir regras transparentes”.

Mas ele esclarece: “O maior impacto não vai atingir as denominações sérias. A nova lei sobre igrejas disciplinou, principalmente, a relação financeira informal da igreja com seus membros. Mas as Igrejas sérias já fazem isso. Têm estatuto organizado, prestam contas dos valores recebidos, possuem seus bens em nome da entidade e não em nome de pessoa física. O novo código visa proteger a população das manipulações. Assim como aconteceu com a legislação do consumidor, que não pode ser mais enganado porque tem um código que o protege. Hoje, existem leis que punem severamente quem oferece serviços ou produtos enganosos. Também existe a lei da economia popular em que instituições financeiras e qualquer abuso na exploração da credulidade pública implica penalidade grave. Da mesma forma, esse espírito de proteção foi adaptado às legislações das Igrejas, fazendo com que seus membros tenham amplo acesso a todas as informações.”

No que tange à comunidade adventista do sétimo dia, o *Manual da Igreja* possui critérios relacionados com o processo disciplinar de um membro faltoso, possibilitando-lhe inclusive o direito de se defender. Também existem recomendações para que sejam feitas reuniões administrativas periódicas nas quais se inclui prestação de contas financeiras.

É muito importante que a liderança em todos os níveis esteja atenta ao *Manual da Igreja*. 



# A MISSÃO E A COLHEITA



**AARÓN A. MENARES PEREZ**

*Pastor em Santiago, Chile*

“A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a Sua seara” (Mat. 9:37 e 38). Esse verso é usado amiúde para identificar o trabalho missionário. Ele é nossa bandeira, muitas vezes utilizada para animar a congregação em cumprir objetivos definidos no labor da proclamação evangelística. Repetem-se as oportunidades em que, como membros e líderes da Igreja, nos sentimos frustrados, simplesmente porque não conseguimos alcançar as metas traçadas quanto ao crescimento gerado por novos batismos.

Já nos dias do Antigo Testamento, o Senhor, através do profeta Joel, anunciando o que aconteceria em nosso tempo, assinalou: “Lançai a foice, porque está madura a seara” (Joel 3:13). Esses versos nos colocam diante de alguns conceitos: primeiro, a seara é grande. Segundo, essa seara já está madura e, terceiro, existe um Senhor que a faz amadurecer. Esse Senhor é o próprio Cristo, de acordo com Mateus, pois é Ele quem envia os doze para cumprir a missão de colher a seara, capacitando-os e conferindo-lhes certa

*“Nossa maior necessidade hoje é que nossos lábios sejam tocados com o fogo santo do altar de Deus.”*



autoridade: “A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções... procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel... pregai que está próximo o reino dos Céus” (Mat. 10:5-7).

Ao assumirmos essa ordem da parte de Jesus, devemos entender que Ele, como Deus, é soberano, acima de todas as coisas, é todo-poderoso, e que, ao comissionar os discípulos para a tarefa, os estava enviando a realizar algo para o que Ele mesmo era a garantia do êxito. É sumamente importante compreender a Deus como soberano; que Ele é perfeitamente suficiente, e que cada um dos Seus requerimentos e mandatos são gratos e acessíveis, posto que Ele mesmo nos capacita.

## Salvos para salvar

O grande objetivo do nosso ministério é contribuir para a transformação de vidas que honrem ao Senhor da seara, converter outras pessoas. O essencial para quem deseja participar da missão consiste em ser transformado cada dia, ou seja, que o processo da santificação seja diário. Então podemos testificar com o poder do Espírito Santo. É necessário compreendermos que não somos nós mesmos quem convertemos e transformamos os crentes em filhos de Deus ou em discípulos. Essa é obra do próprio Deus. Todavia, “Deus designou a cada um sua obra, segundo sua capacidade, e não pretendia que uns poucos ficassem sobrecarregados de res-

responsabilidades, enquanto outros não têm nenhum fardo, nenhuma angústia de alma... Exige-se abnegação dos discípulos de Cristo, e são precisos sacrifícios; convém, todavia, cuidar para que, mediante seu excesso de zelo, Satanás não se aproveite da fragilidade humana e seja prejudicada a obra de Deus".<sup>1</sup>

A ação do inimigo número um da causa de Deus, após a salvação de perdidos, consiste em provocar desunião, sentido de fracasso, divisões e contróversias. Não é seu desejo que exista confraternização e camaradagem. Quanto mais existirem discussões tensas e comentários críticos maldosos, mais êxito ele terá assegurado, pois nessa condição, a igreja torna-se um fracasso.

Se cada um de nós assumir sua responsabilidade e dedicar-se ao Senhor, entregando-Lhe a vida para o cumprimento de alguma missão especial, é possível experimentar o sentimento de Isaías ao ter os lábios tocados pela brasa viva do altar. O profeta não estava diante de um trabalho fácil, posto que o povo havia ultrapassado todos os limites da paciência; de tal

forma que Deus Se havia negado a ouvir seus rogos, a menos que as pessoas experimentassem uma mudança em seu modo de agir (Isa. 1:15). A resposta de Isaías ao chamado divino foi de uma total dedicação ao que o Senhor estava requerendo dele: "Eis-me aqui, envia-me" (Isa. 6:8)

"A brasa viva do altar representava o poder refinador e purificador da graça divina. Também significava uma transformação do caráter. Desde aquele momento, o único grande desejo de Isaías para seu povo foi que ele também pudesse experimentar a mesma obra de purificação e transformação. Nossa maior necessidade hoje é que nossos lábios sejam tocados com o fogo santo do altar de Deus."<sup>2</sup>

Quando nossa vida estiver totalmente comprometida com o serviço de Deus, certamente veremos milagres sendo operados na Igreja, pois o Senhor da seara nos guiará para o cumprimento da missão, garantindo o êxito, já que Ele é todo-poderoso e soberano.

### Premissas animadoras

O plano da salvação delineado a nós outorga-nos o maravilhoso ensinamento de que Jesus está empenhado em salvar a todos os que nEle crêem (João 3:15).

A consumação desse plano na cruz do Calvário revela-nos algumas coisas que podem ser consideradas fundamentais para a nossa vida, como servos do grande Deus. Em primeiro lugar, nosso inimigo maior está vencido. Jesus o venceu na cruz, para sempre. Satanás não passa de um mentiroso contumaz, e nenhum dos seus argumentos tem valor diante da tremenda realidade da morte do Salvador.

Em segundo lugar, sendo Cristo o vencedor, nosso triunfo na missão da igreja está assegurado, porque Aquele que nos comissiona é o mesmo que ganhou a batalha dos séculos.

Em terceiro lugar, é a vontade de Deus abençoar Sua Igreja, considerando que ela é a comunidade instituída por Ele a fim de cumprir uma missão especial nestes últimos dias.

Não somos, pois, mais uma Igreja. Somos o povo escolhido para levar a cabo a tarefa mais fantástica jamais encomendada a outro povo na História. Poderíamos comparar o privilégio que temos somente com o privilégio que os discípulos possuíam quando Cristo ascendeu ao Céu, depois da ressurreição. Eles iniciaram a tarefa. Nós aqui estamos para concluí-la. Eles O viram subir. Nós aqui estamos perto de vê-Lo regressar com poder e grande glória. Isso é magnífico, levando-se em conta que todas as nossas mais caras esperanças estão depositadas na promessa de Sua vinda. Ele está mais perto de voltar do que imaginamos. Precisamos intensificar nosso ardor missionário.

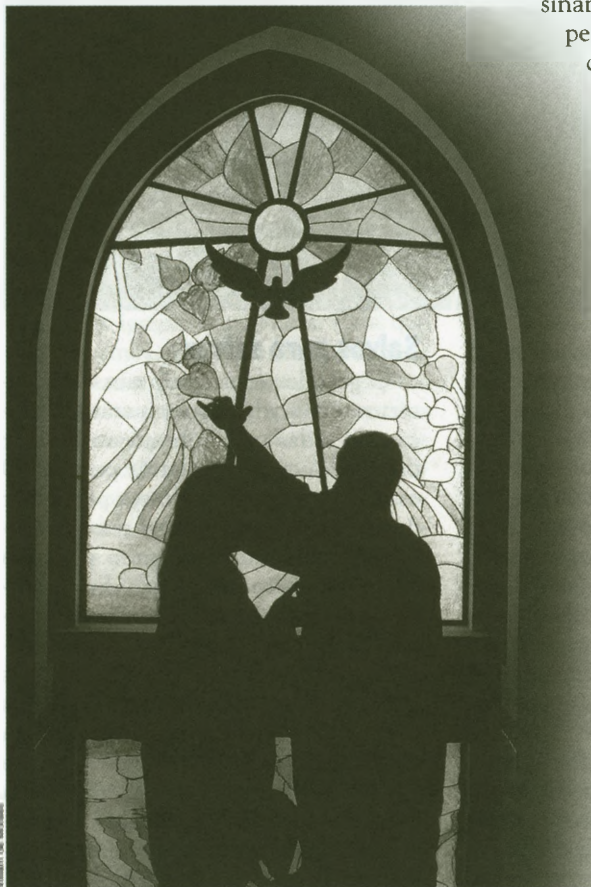
### Sob a direção de Deus

"A conversão da alma humana não é de pequena importância. É o maior milagre realizado pelo poder divino."<sup>3</sup> O segredo do sucesso nesse empreendimento está em dependermos absolutamente de Deus e nos deixar encher do Espírito Santo. Como Ele mesmo disse através do profeta, "não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito" (Zac. 4:6). "Na obra de resgatar as almas perdidas que perecem, não é o homem quem executa a tarefa de salvá-las; Deus é quem com ele trabalha."<sup>4</sup> Não trabalhamos para alcançar algum favor de Deus ou dos homens, mas como humildes instrumentos em Suas mãos.

Não nos esqueçamos: é Deus quem dirige a Igreja. Ele é soberano, e, como Senhor da seara, a faz crescer e amadurecer. Em suas mãos podemos ser instrumentos ativos na colheita. "Quando o Espírito Santo tomar posse de vossa mente e reger vossos fortes sentimentos, sereis mais semelhantes a Cristo."<sup>5</sup> Com tão nobre experiência, poderemos presenciar verdadeiros milagres em nossas igrejas, e vê-las atuando vivamente, com êxito, na missão. M

#### Referências:

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 361 e 362.
- <sup>2</sup> *Comentário Bíblico Advenista del Séptimo Dia*, vol. 4, pág. 170.
- <sup>3</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 214.
- <sup>4</sup> *Idem*, pág. 91.
- <sup>5</sup> *Idem*, pág. 639.



# A IGREJA E A ADORAÇÃO



**DANIEL OSCAR PLENC**

*Ph.D., Professor e diretor do Centro de Pesquisas White no Seminário Teológico da Universidade Adventista del Plata, Argentina*

O culto tem raízes bíblicas, históricas e teológicas. Por essa razão, uma busca de seus pressupostos eclesiológicos deve partir da Escritura. Porém não é simples oferecer uma definição adequada ao conceito de adoração. Definir a Igreja também é uma tarefa complexa.

Os termos mais significativos contribuem para o esclarecimento da noção bíblica de adoração em seu contexto eclesiológico. Não existe um termo bíblico único para adoração ou para culto, mas um conjunto de palavras hebraicas e gregas em equivalências linguísticas. Esses vocábulos descrevem atos e atitudes.

O termo hebraico *shâjah* e o grego *proskuneô* são os mais significativos e que mais geralmente são traduzidos como adoração. Encerram a idéia de homenagem ou submissão a Deus. A palavra hebraica '*abad* e a grega *latréuô* envolvem a noção de serviço a Deus. *Yârê'* (hebraico) e *fobéomai* (grego) designam o temor reverente do homem diante da realidade divina. O termo hebraico *kâbôd* e o grego *dôxa* expressam a glória e a honra à dignidade divina. O

*O verdadeiro culto honra a Deus, inspira e motiva as demais atividades da Igreja, incluindo a missão e a evangelização*

termo hebraico *shârath* e o termo grego *leitourgêô* aludem ao serviço sacerdotal e eclesiástico. As palavras *hâlâl* e *ainéô*, respectivamente hebraica e grega têm a ver com a expressão audível de louvor por meio da palavra falada ou cantada. *Yâdâh* e *exomologêô*, respectivamente hebraico e grego, também apontam à idéia de louvar ou confessar. *Bâarak* (hebraico) e *euloguêô* (grego) significam bendizer o divino doador de tudo.

*Qâhâl* e *ekklêsia*, palavras respectivamente hebraica e grega, encerram a idéia de congregação, reunião, assembléia e descrevem o povo de Deus reunido por chamamento divino. Parece que os vocábulos escriturísticos básicos relacionam a adoração com a homenagem, a submissão, o serviço, a reverência, a honra, o louvor e o bendizer que a criatura humana rende ao Criador.

O Novo Testamento, aparentemente baseado no uso da Septuaginta, utiliza *ekklêsia* para referir-se aos cristãos em geral (Mat. 16:18; Efés. 1:22; 5:22-33; Atos 9:4 e 31; I Cor. 10:32; 12:28; 15:9; Col. 1:18 e 14; Heb. 12:23), ou como congregação local (Mat. 18:17; Atos 5:11; 8:1 e 3; 11:22; 13:1; 14:23; 15:41; Rom. 16:5; I Cor. 1:2; 4:17; Col. 4:16; II Ped. 5:13). O vocábulo também é usado para designar os cristãos reunidos para adorar (I Cor. 11:18; 14:3 e 28). Às vezes adiciona-se à palavra igreja expressões como "de Deus" ou "de Cristo" (Atos 20:28; I Cor. 1:2; 10:32; 11:16 e 22; 15:9; Gál. 1:13; I

Tess. 2:14; II Tess. 1:4; I Tim. 3:15) para indicar que os que são de Deus ou de Cristo pertencem à Igreja.

## Definição de conceitos

Adoração podia ser definida como a resposta positiva do homem redimido à iniciativa de Deus de revelar Seus atributos e ações, sobretudo de criação, redenção e providência. O conceito de Igreja no cristianismo católico sublinha tradicionalmente a dimensão horizontal por sua ênfase na comunidade histórica. No protestantismo, a dimensão é vertical objetiva, por seu conceito de uma Igreja chamada à existência pela pregação da Palavra de Deus. A Igreja livre sustém uma dimensão vertical subjetiva, por seu acento na resposta dos crentes aos requerimentos divinos.

O certo é que a Igreja deve ser definida como assembléia em virtude de uma vocação divina. Pode-se descrevê-la como uma assembléia de crentes em Jesus Cristo, convocada e reunida por Deus mediante a pregação do evangelho.

Há então um denominador comum nos conceitos de igreja e adoração. Existem dois elementos vinculados à idéia de Igreja: um objetivo, a iniciativa divina na convocação e a congregação; e um subjetivo, a resposta humana em aceitação ao chamado pela habilitação divina. A adoração também reconhece a iniciativa divina e a resposta humana. Ambos têm a ver com um encontro entre o Deus infinito e o homem finito.

## Catolicismo, protestantismo e carismatismo

A Igreja dos primeiros séculos era consciente de sua vocação divina em Cristo. Por isso rechaçou as pressões da adoração imperial e pagã, e expressou com clareza uma adoração cristocêntrica e trinitária. A partir dos tempos de Constantino, a situação da Igreja experimentou uma mudança decisiva; foi adquirindo as formas da organização imperial e seu culto refletiu esse conceito. Durante o período de Constantino, foi adotado o dia de descanso estatal, um ano litúrgico e um estilo arquitetônico imperial. A Igreja fixa sua liturgia, e as manifestações cúllicas assimilam características das religiões de mistério e da cultura grego-romana.

Por outro lado, o conceito de uma igreja beneficiada com a mediação de Maria e os santos determinou a distinção entre as diversas classes de adoração (*latría* ou adoração a Deus, *dulia* ou veneração aos santos, e *hiperdulia* ou veneração à Maria), promulgada no VII Concílio Ecumênico, de 787, e foi

ratificada em Trento. A *Constituição Sobre a Sagrada Liturgia* do Concílio Vaticano II procura melhor participação dos fiéis no culto. Coloca a Igreja como o lugar da salvação de Deus pela celebração da história da redenção, e por isso propõe a atualização litúrgica do mistério pascal de Jesus Cristo. A ênfase do conceito católico de Igreja como continuidade histórica realça a permanente visibilidade de seu ministério, credos, liturgia e sacramentos.

O desenvolvimento da teologia dentro do cristianismo católico foi definindo o perfil de sua adoração. A evolução do conceito da Ceia do Senhor trouxe conseqüências definidas. Logo a vida da Igreja se concentrou na celebração eucarística, cujo conceito sacramental e sacrificial a converteu no centro da adoração cristã. A tendência se consolida com a promulgação do dogma da transubstanciação no IV Concílio de Latrão, em 1215. A posição sacramental da Igreja obrigou a um decidido protagonismo sacerdotal para a administração dos sacramentos no

serviço litúrgico. Esse conceito sacerdotalista e sacramentalista modelou as formas litúrgicas e reduziu a participação congregacional.

A dependência eclesiástica da mediação de Cristo no protestantismo eliminou o "culto inferior" e a distinção entre os diversos tipos de adoração denominados *latría*, *dulia* e *hiperdulia*. Os princípios da supremacia bíblica, a justificação pela fé e o sacerdócio dos crentes modelaram a eclesiologia e a liturgia protestantes. O princípio de *sola Scriptura* destacou o papel da revelação divina como fonte de autoridade eclesial e litúrgica. Por isso o culto protestante tradicionalmente tende a apelar ao intelecto por meio da pregação bíblica, e sua adoração tende a ser racional e não mística. O princípio de *sola fide* destacava a primazia do papel divino e contribuía para Sua glória. Colocou a Igreja, seu culto e seus sacramentos em lugar secundário, como servidas da fé. Também o princípio do sacerdócio dos crentes faria da Igreja um sacerdócio comum.



William de Moraes

Como resultado prático houve um aumento intencional da participação congregacional na adoração comunitária. O teocentrismo na adoração anterior foi complementado com maior ênfase antropocêntrica. A orientação transcendente deu lugar a um conceito mais imaneente de Deus. A ênfase do conceito protestante de Igreja como verticalidade objetiva realça a fé e a pregação da Palavra de Deus. A ênfase do conceito de Igreja como verticalidade subjetiva na Igreja livre destacaria a liberdade litúrgica da resposta dos crentes a Deus.

O novo modelo teológico de protestantismo produziu um novo modelo litúrgico. A Igreja reformadora rejeitou o sacramentalismo e o sacerdotalismo. O sacrifício definitivo de Cristo é o meio de graça, e o sacerdócio único de Cristo é suficiente mediação. Descarta-se, portanto, a idéia de transubstanciação e de sacrifício na Ceia do Senhor. Por isso a eucaristia foi substituída pela pregação bíblica como centro da adoração eclesial. O sacerdócio comum descartou o sacerdócio especial, estimulando a participação livre e a proclamação inteligível da Palavra de Deus.

O culto carismático se distingue por certas manifestações atribuídas ao batismo do Espírito Santo e à operação de Seus dons. Seu estilo é de celebração livre, centrado no louvor e caracterizado pela espontaneidade, participação, liberdade, informalidade e exuberância. O adorador se sente totalmente envolvido, e as emoções são expressas com freqüência. Pode existir ao mesmo tempo uma certa carência do sentido de transcendência, mistério e reverência.

No carismatismo, com mais profundidade que no protestantismo, a comunidade eclesial responde a um Deus imaneente. A presença divina se manifesta poderosa e amorosa na congregação. Essa reação determina uma orientação cúlta tendente ao antropocentrismo e a valorizar a resposta humana a Deus. O conceito de uma Igreja suscitada e ungida com o Espírito Santo determina o lugar das Escrituras na adoração comunitária e as qualidades de todo o culto. A idéia de revelação objetiva e absoluta tende a limitar-se diante da importância atribuída às freqüentes profecias e revelações diretas. A experiência passa a ter prioridade sobre a doutrina, e a Igreja se orienta para uma adoração mais subjetiva. O sermão deixa de ser o grande centro do

serviço de culto, e a participação congregacional adquire prioridade.

### **Elementos fundamentais**

A fim de distinguir os elementos eclesiológicos básicos que fazem a adoração comunitária, é preciso refletir sobre a relação existente entre a adoração e a natureza, a doutrina e a missão da Igreja. A eclesiologia não pode separar-se da cristologia e da soteriologia, porque Cristo é seu fundamento e essência. Cristo é a rocha sobre a qual está fundamentada a Igreja (Mat. 16:18; I Cor. 3:11; Efés. 2:20; I Ped. 2:7). A teologia neotestamentária parece reconhecer Jesus como o novo Israel, cumprindo-se assim as expectativas proféticas do Antigo Testamento em Cristo e na Igreja.

## *O culto de uma igreja consciente de sua natureza deve ser teocêntrico e comunitário, cristocêntrico e missionário.*

O Novo Testamento realiza uma interpretação cristológica de todo o sistema cúlta do Antigo Testamento. Cristo se apresenta como o novo templo (João 2:19-21; 4:20-24; Efés. 2:21 e 22; Apoc. 21:22). Também é o Sumo sacerdote (Heb. 2:17; 7:23-28), o único mediador (Heb. 8:6; 9:15; 12:24; I Tim. 2:5), o ministro do santuário celestial (Heb. 8:1). Toda Sua vida foi ação cultural, e em Sua morte foi o sacrifício (Efés. 5:2; Heb. 7:27; 10:5) e a vítima (João 1:19 e 36; I Ped. 1:19; Apoc. 5:6; 13:8). Seu sacrifício expiatório estabelece um novo pacto com um novo Israel (Gál. 3:28 e 29; 6:16). No novo culto os sacrifícios passam a ser espirituais (Rom. 12:1 e 2; I Ped. 2:5-9).

O reconhecimento que o Novo Tes-

tamento faz de Cristo como o fundamento da Igreja conduz a um culto cristocêntrico e orienta todas as suas atividades a fim de manifestar a obra e o senhorio de Jesus.

As figuras neotestamentárias associadas ao conceito de Igreja são de grande utilidade na compreensão de sua natureza. Entre outras metáforas, o Novo Testamento apresenta a Igreja como corpo, templo, esposa, família, vinha, rebanho. Talvez os símbolos mais importantes sejam os que a mostram como povo de Deus e como corpo de Cristo. O primeiro a coloca na História, o segundo se relaciona com Cristo. Esses símbolos apresentam a Igreja em várias de suas facetas mais significativas e encerram implicações concretas em relação com sua dependência e submissão a Deus, sua carência de unidade, inter-relação e mútua dependência, além de participação e missão de serviço.

Os antigos credos, como o apostólico e o niceno, também mencionam atributos da Igreja: unidade (Efés. 4:1-6 e 12), santidade (Efés. 4:17; 5:22-27), universalidade e apostolicidade (Mat. 16:18 e 19; 18:15-18; 28:18-20; Atos 2:14; 15:18; I Cor. 6:16; 11:17-34; Efés. 2:20). A unidade não sugere uniformidade, porém inclui diversidade dentro da unidade. A santidade implica separação do mundo e dedicação a Deus. A universalidade em desígnio e destino contrasta com a idéia de nacionalidade. A apostolicidade alude a seu fundamento apostólico.

As imagens e os atributos da Igreja determinam em grande medida as qualidades de sua adoração pública. A Igreja identificada através de suas metáforas não pode senão expressar um culto teocêntrico, inclusivo, participativo e evangelizador. Os atributos da Igreja acrescentam novas consequências litúrgicas. Sua unidade obriga uma concentração cristológica e uma atitude de consenso e fraternidade nas expressões cúlta. Sua santidade impõe a subordinação das normas litúrgicas à autoridade divina antes que às iniciativas humanas ou aos antecessores culturais. A universalidade evita a rigidez litúrgica e o dogmatismo formal frente às manifestações diversas no culto de uma Igreja mundial. Sua apostolicidade implica fidelidade aos ensinamentos dos apóstolos registrados nas Escrituras como normativos cúlta e litúrgico.

Por outro lado a natureza da Igreja imprime em sua adoração um sentido vertical e outro horizontal. A Igreja está orientada para Deus e para os homens. Portanto, a adoração eclesial partilha esse duplo destino. Essa é uma tensão natural e inevitável da adoração cristã. As dimensões vertical e horizontal da Igreja são feitas visíveis em sua atividade litúrgica. A liturgia dirige-se a Deus, sendo ao mesmo tempo, e por definição, a obra do povo. É claro no Novo Testamento que os crentes se reúnem para edificação (I Cor. 12:7; 14:12 e 26; Efés. 4:11 e 12; 5:19; Col. 3:16; I Ped. 4:10). De modo que adoração e edificação são aspectos da mesma realidade.

A necessidade do culto congregacional é ilustrada pela casuística bíblica. Os homens exibem sua adoração pública ao "invocar o nome do Senhor" (Gên. 4:26; 12:8; 13:4; 21:33; 26:25; Sal. 79:6; 116:7; Jer. 10:25; Sof. 3:9). O santuário do período mosaico substituiu os altares patriarcais. Esse santuário era um espaço para a reverência (Lev. 19:30; 26:2). O templo posterior era objeto de alta estima (Sal. 84:2 e 10; 122:1). A peregrinação anual ao templo de Jerusalém era provavelmente acompanhada com a entoação dos chamados salmos de ascenso ou peregrinação (120-133). Os salmos assinalam particularmente a importância do louvor congregacional (Sal. 22:22 e 25; 26:12; 35:18; 68:26; 89:5; 107:32; 109:30; 111:1; 116:17-19; 149:1). Aparentemente, no conceito hebraico a realidade básica na vida humana é a comunidade, não o indivíduo. Como em Israel, a Igreja neotestamentária mostra uma forte consciência comunitária. O culto neotestamentário adquire importância decisiva pela presença prometida de Cristo, do Pai e do Espírito Santo (Mat. 18:20; I Cor. 14:25).

As metáforas, os atributos e as dimensões da Igreja a caracterizam adequadamente e modelam sua exteriorização litúrgica. O culto de uma igreja consciente de sua natureza deve ser teocêntrico e comunitário, cristocêntrico e missionário.

O conceito paulino de igreja exige certas disposições no culto público. Busca-se a inteligibilidade e a edificação da Igreja (I Cor. 14:5-19, 26-28), assim como o bom testemunho diante dos incrédulos (I Cor. 14:23-25). Rejeita-se a confusão e a falta de decoro (I Cor. 14:33-35), advoga-se a decência e

a ordem (I Cor. 14:40). Porém, o Novo Testamento não contém uma ordenação litúrgica. Jesus não prescreveu nenhuma liturgia em particular; também não existe um modelo apostólico de culto. O que se observa é variedade, flexibilidade, movimento e espontaneidade. No consenso erudito vê-se o culto cristão como uma continuação da liturgia da sinagoga judaica. O padrão da sinagoga se baseava no louvor por meio do canto, a oração e a instrução através da leitura e explicação das Escrituras. Com a adição de certas práticas próprias, o culto cristão retém os mesmos elementos. O ensinamento bíblico parece requerer um equilíbrio entre ordem e liberdade dentro de um marco revelado (II Cor. 3:17; I Cor. 14:33 e 40). Qualquer estilo ou ordenamento litúrgico reclama uma base espiritual e teológica. Não se trata de desprezar a liturgia, mas aquela que não corresponde à teologia da Igreja.

## *A função primária da liturgia é adorar, porém também é instruir e evangelizar.*

A Igreja está destinada para a glória de Deus. Essa é sua vocação e missão divina (Isa. 43:21; 49:3; Efés. 1:16). Há um estendido consenso no cristianismo atual em ver a adoração como a principal tarefa da Igreja. A adoração vincula-se à missão. Essas duas atividades eclesiais são inseparáveis. Tem-se discutido às vezes sobre a principal função da Igreja e seu culto. Subsiste em certos grupos a idéia de que os cultos têm como principal meta a evangelização. Muitos outros se inclinam em favor da adoração como o grande objetivo do culto. Enfatiza-se que Deus é o destinatário do culto, antes que o mundo.

Nos escritos de Paulo, o culto pode honrar a Deus e ao mesmo tempo servir a um propósito evangelizador (I Cor. 14:23-25). Afirma os valores de uma congregação, tem a ver com a alimentação espiritual dos conversos e com a evangelização dos não converti-

dos (Tia. 2:2-4). Ali não haveria oposição ou exclusão entre evangelização e adoração, mas a evangelização e o fortalecimento dos crentes são formas de oferecer a Deus uma adoração adequada. A função primária da liturgia é a de adorar, porém também instruir e evangelizar. Do mesmo modo, é verdade que a adoração inspira e motiva as demais atividades e os ministérios da Igreja, incluindo a evangelização e a missão.

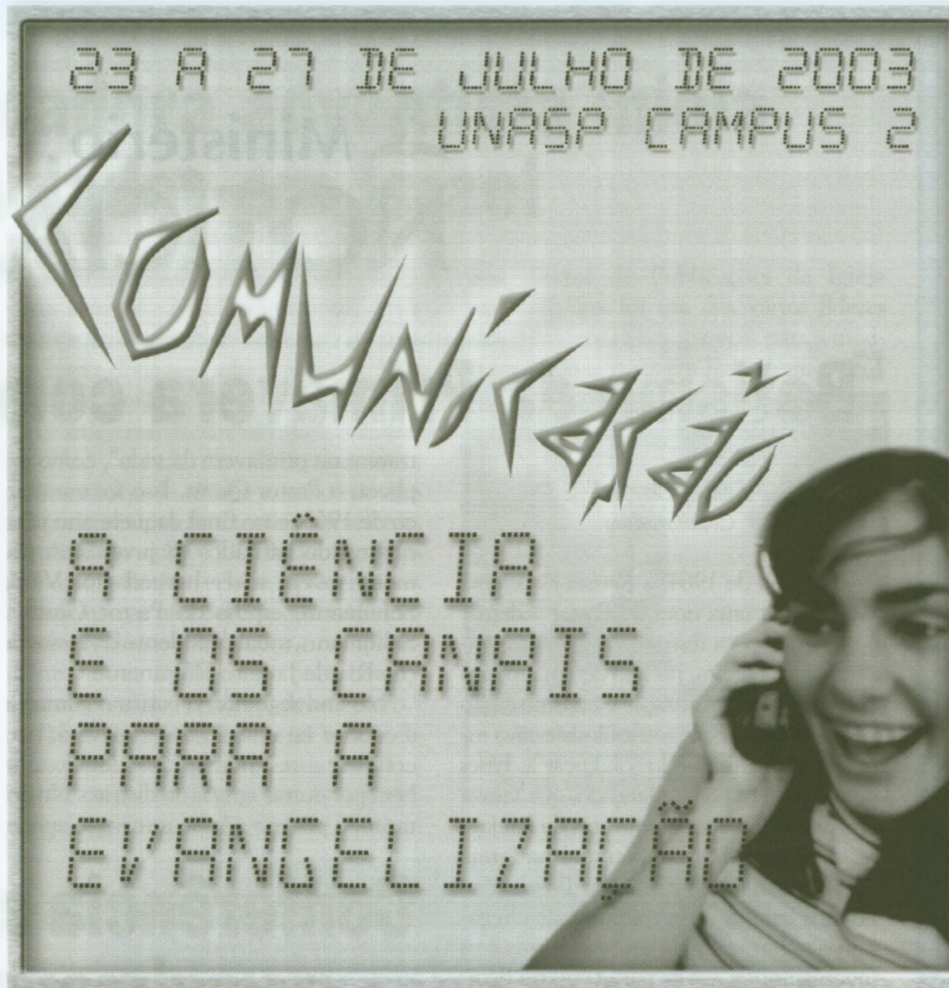
Os estudiosos do crescimento de igreja afirmam que a adoração enfoca a atenção da Igreja em Deus, e, portanto, a mantém em conexão com a fonte de poder para a vitória e o crescimento. Eles assinalam certas características da adoração pública como fatores determinantes do crescimento congregacional. Parece inegável o impacto da adoração no crescimento quantitativo da igreja, ainda que o crescimento não responda a um estilo particular de culto.

Pode concluir-se que a adoração é uma prioridade legítima da dinâmica eclesial. Adoração não equivale à evangelização, porém a potencializa, capacitando a Igreja para o cumprimento de sua missão. A missão da Igreja se relaciona com adoração, a edificação e a evangelização. O mesmo propósito é perseguido por sua expressão litúrgica.

### **Características do verdadeiro culto**

Sugere-se que, em harmonia com uma eclesiologia bíblica, a adoração da igreja se enquadre dentro de certo número de características iniludíveis. Elas:

- Pelo vínculo fundamental da Igreja com Cristo, o culto será cristocêntrico e soteriológico.
- Pelo fato de a Igreja responder à convocação divina, o culto será teogênico (originado em Deus) e teocêntrico.
- Por ser conseqüente com a natureza essencial da Igreja, o culto será inclusivo e participativo.
- Por ser consciente da dimensão corporativa da Igreja, o culto será edificante e instrutivo, fraterno e evangelizador.
- Pelo fato de a Igreja ter um compromisso com a revelação, o culto será ordenado e espiritual.
- Por envolver uma congregação de crentes reunidos por Deus, o culto eclesial terá uma qualidade objetiva por origem e destino divino, assim como uma qualidade subjetiva na resposta positiva de seus membros à revelação e ao convite divinos. **M**



**Criação**

**Internet**

**Televisão**

**Fotografia**

**Poder da imagem**

**Marketing e mídia**

**Produção de vídeo**

**Adorando com arte**

**Liberdade religiosa**

**Redação de Notícias**

**Sonorização da igreja**

**Evangelismo integrado**



IGREJA  
ADVENTISTA  
DO SÉTIMO DIA

**INSCRIÇÕES:**

Departamento de Comunicação da sua Associação/Missão

## Batismo da Primavera completa 40 anos

**Fabiana Amaral**

*Colaboradora*

**E**m junho de 1964, a *Revista Adventista* publicou uma nota do Pastor Ademar Quint, na época distrital na igreja adventista de Madureira, no Rio de Janeiro, encorajando a evangelização e batismo de juvenis. Naquela ocasião ele ainda estava incentivando e tentando solidificar as bases de um projeto por ele lançado, que visava uma atenção maior aos juvenis da Igreja.

O projeto, hoje tradicional na Igreja Adventista, é o Batismo da Primavera. Alguns irmãos mais tradicionais chegaram a achar um equívoco, por serem os juvenis muito novos para tomar a decisão pelo batismo. Ao contrário deles, o Pastor Quint sabia da importância de firmar os jovens na Igreja e o primeiro passo seria deixá-los conscientes de sua obrigação para com Deus e Seu povo, através do compromisso público do batismo, depois de estudarem as Escrituras.

Tão contundentes foram os argumentos que não houve como não reconhecer o fato de o pastor estar correto. Então, de forma sistemática e envolvendo toda a igreja, foi realizado o primeiro Batismo da Primavera, recebendo este nome “pelo fato de os juvenis se encon-

trarem na primavera da vida”, como explicou o Pastor Quint. Isso foi em março de 1963, e no final daquele ano já tinham sido batizados 48 juvenis. A primeira jovem a ser batizada foi Vânia Schumann, esposa do Pastor Gustavo Schumann, atual presidente da Associação Rio de Janeiro Fluminense.

No ano seguinte, o batismo começou a ocorrer na estação da primavera, para condizer com o nome, e foi adotado também por outras igrejas do distrito. No entanto, o projeto não se restringiu apenas

ao Rio de Janeiro, e deu origem a uma série de estudos direcionados aos juvenis, em vários Estados brasileiros, adquirindo a dimensão que tem atualmente.

Naquela ocasião, o Pastor Quint nem imaginava a repercussão de seu plano de estudos com juvenis, mas já agradecia a Deus pelo significativo número de pessoas que descera às águas batismais ainda na primavera da vida. Outro dos primeiros batizados no início do projeto foi o Pastor Paulo Pinheiro, um dos editores da Casa Publicadora Brasileira. **M**

## Conferência analisa relações muçulmano-adventistas

**Miroslav Pujic**

*Da ASN*

**“E**dficando pontes de entendimento” foi o tema de uma conferência sobre relações muçulmano-adventistas, que reuniu 180 participantes de mais de 70 países em Pafos, Chipre, de 23 de fevereiro a 2 de março.

Segundo Peter Roennfeldt, organizador da conferência e coordenador da Missão Global da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Divisão Trans-Européia, a reunião teve por objetivo “cultivar o entendimento e a sensibilidade às necessidades íntimas das comunidades muçulmanas”.

“Há pessoas para as quais Deus tem planos em Seu reino, que não ouviram ainda a mensagem”, acrescentou Michael L. Ryan, diretor da iniciativa de Missão Adventista Global. Ele disse que uma conferência como essa, que envolveu a participação da Igreja em âmbito mundial, “serve de catalisador para atrair lideranças ao tema. Muitas pessoas ouviram coisas novas pela primeira vez a respeito da comu-

nicação da mensagem do evangelho”.

A conferência de Chipre atuou no sentido de sensibilizar líderes, obreiros e leigos da Igreja quanto a questões relacionadas às relações muçulmano-adventistas. Jerald Whitehouse, diretor do Centro Global para Relações Adventistas-Muçulmanas da Associação Geral, disse que alcançar esse objetivo “é particularmente importante no contexto dos acontecimentos atuais. Isso será de grande auxílio para ajudar nosso povo a ser uma influência mais forte para a paz, tolerância, entendimento, respeito e reconciliação”.

O programa da conferência incluiu 53 *workshops* e sessões plenárias facilitadas por conferencistas com diferentes formações culturais e denominacionais de todo o mundo.

Segundo os organizadores, o fato de que mais de 70 países estiveram representados no encontro atesta o crescente interesse, preocupação e desejo de envolvimento nas relações entre adventistas e muçulmanos da parte da Igreja. Estima-se que haja 1,3 bilhão de muçulmanos no mundo. **M**



**Vânia Schumann é batizada, em março de 1963**



# Casa Publicadora adventista inicia atividades em Israel

Mark A. Kellner

Da ASN

A recente abertura da primeira casa publicadora adventista em Israel, Chaim Veshalom, que em hebraico significa “Vida e Paz”, representa um marco para a Igreja, que tem atuado em Israel por mais de 100 anos. “Pela primeira vez, a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Israel tem sua própria casa publicadora, que irá publicar livros em hebraico”, declarou o Pastor Richard Elofer, presidente da Igreja naquele país.

Presente na Terra Santa desde 1896, a Igreja Adventista tem, em anos recentes, aumentado suas fileiras em cerca de duas mil pessoas, muitas delas imigrantes da Europa e da ex-União Soviética. Essas pessoas eram adventistas em seus próprios países, ou uniram-se ao movimento mediante esforços evangelísticos em Israel.

A presença da pequena e entusiástica igreja chamou a atenção do mais antigo jornal israelita, *Há'aretz*, que enviou um repórter para entrevistar os adventistas e conhecer as cinco congregações no país, bem como a nova

casa publicadora. Para um país que às vezes tem sido hostil ao testemunho e ao evangelismo cristãos, a atenção da imprensa dada aos adventistas foi bem acolhida e altamente positiva.

O artigo ressaltou a laboriosidade, honestidade, o estilo de vida temperante e a observância do sábado entre os crentes adventistas. Um funcionário israelense, identificado como Eli, declarou: “Eles são muito limpos e bem apresentados. Não fumam e não bebem. São trabalhadores excelentes, dedicados e completamente honestos. Eu confio neles com os olhos fechados. A palavra deles é ouro.”

“Nossa igreja em Israel está crescendo e precisa mais e mais de literatura em hebraico”, afirma o Pastor José Luís Cam-

pos, diretor de Publicações da Igreja mundial, que foi um dos vários líderes internacionais a comparecer para a inauguração da editora em Jerusalém. **M**



Pastor Elofer: “Pela primeira vez temos uma editora publicando livros adventistas em hebraico”

“Grande erro é confiar em sabedoria humana, ou em números na obra de Deus. O trabalho bem-sucedido para Cristo não depende tanto de números ou de talentos, como da pureza de designio, da genuína simplicidade, da fervorosa e confiante fé.”

Ellen White

“Deus não julga igrejas ou organizações na base de seus tamanhos, mas na base de sua qualidade espiritual. Qualidade espiritual pode ser uma realidade em uma igreja de qualquer tamanho e é a isto que o Mestre dá valor.”

Ernest Pickering

## HUMOR





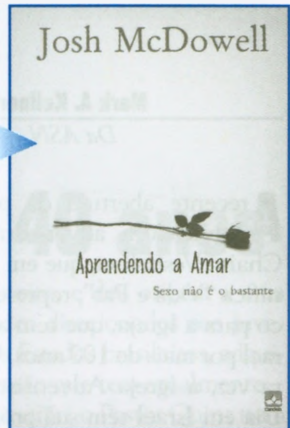
**O USO DE JÓIAS NA BÍBLIA –**  
 Angel Manuel Rodriguez, Casa Pu-  
 blicadora Brasileira, Caixa Postal  
 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP;  
 Tel. 0800-990606, 157 páginas.

Continua crescendo a controvérsia em torno do uso de jóias – se ele pode ou deve ter lugar na vida cristã consagrada. Este livro tem o propósito de ajudar o leitor a cortar caminho em meio ao labirinto de questões, opiniões e até mesmo paixões, e chegar a respostas genuinamente bíblicas. Ele responde a perguntas feitas ao Instituto de Investigação Bíblica por líderes da Igreja, pastores e leigos interessados numa revisão do assunto. Solicitou-se que o Dr. Angel Manuel Rodriguez, na época diretor-associado do Instituto, fizesse um estudo sobre como a Bíblia trata o uso de jóias e como a compreensão adventista do sétimo dia se harmoniza com ela.

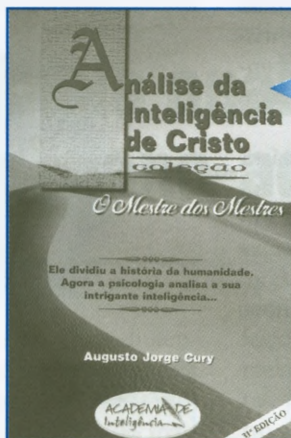
**APRENDENDO A AMAR –** Josh McDowell, Editora e Distribuidora Candeia, Rua Domingas Galleteri Blotta, 148, Jd. Santa Cruz, CEP 04455-360 São Paulo, SP; e-mail [editoracandeia@candeia.com.br](mailto:editoracandeia@candeia.com.br), 279 páginas.

O que você espera de um bom relacionamento amoroso? Que ele seja sincero, alegre, sólido, criativo, dinâmico, estimulante, completo e duradouro? Veja neste livro o segredo de um

amor assim e saiba como consuegui-lo. Seja qual for a situação, esse livro foi escrito para você conhecer o verdadeiro amor e desfrutar a felicidade que ele pode trazer. O autor, Josh McDowell, é diplomado pelo Wheaton College e laureado com a maior distinção pelo Seminário Teológico Talbot, nos Estados Unidos. Atualmente é professor da Escola Internacional de Teologia, em San Diego, Califórnia.



**ANÁLISE DA INTELIGÊNCIA DE CRISTO –** Augusto Jorge Cury, Editora Academia de Inteligência, Fonelfax (17) 3342-4844; e-mail: [academiain@mdbrazil.com.br](mailto:academiain@mdbrazil.com.br), 227 páginas.



Ao estudar a inteligência de Cristo, este livro traz à luz as características da personalidade d'Aquele que dividiu a história da humanidade. Cristo é universal. Investigar a Sua inteligência anima o pensamento, rompe o cárcere intelectual, expande a inteligência, estimula a sabedoria e enriquece o prazer de viver. *Análise da Inteligência de Cristo* aborda o lado psicológico dos pensamentos e comportamentos de Jesus Cristo e os aplica na psicologia, na educação, na sociologia e na área de recursos humanos.

**VEJA NA INTERNET**

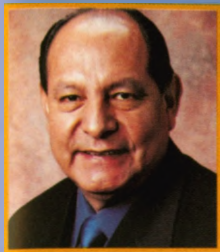
[www.elosdejesus.com.br](http://www.elosdejesus.com.br)

O principal atrativo desse site está no fato de se constituir na “maior rede de sites evangélicos em língua portuguesa”. Entre os mais de 2.800 links evangélicos aparece de tudo: Bíblias, estudos bíblicos, notícias, motoqueiros evangélicos, testemunhos, amizade, internacionais, serviços e bons portais evangélicos. Naturalmente tudo isso está classificado em categorias e, dentro de cada uma, há uma relação com os links e uma breve descrição de cada site. A Central de Busca oferece várias alternativas, sendo as principais: Rede

Elos – inclui categorias como Bíblias, igrejas, músicas, portais, cultural, louvor, serviços; Miner Evangélico e Achei Elos – nessas duas, a busca é por palavras, no site ou na rede em geral; Links Evangélicos – algumas categorias aí são diferentes, como: amizade, educação e internacionais. É claro que, no meio de tantos serviços, nem tudo é aproveitável, mas vale a pena conferir, pois de outra forma dificilmente certos bons conteúdos seriam encontrados. –

Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira.




**ALEJANDRO BULLÓN**

Secretário ministerial  
da Divisão Sul-Americana

**N**ão faz muito, encontrei um pastor desanimado. As coisas em seu novo distrito não marchavam como ele esperava. Estava encontrando muita resistência da parte dos líderes locais. À medida que os dias passavam, afirmava-se dentro de si a convicção de que não fora plano de Deus que ele fosse transferido para aquele lugar. “Pastor”, disse-me com um ar de tristeza, “acho que nunca entenderei por que Deus permitiu que eu viesse para cá.”

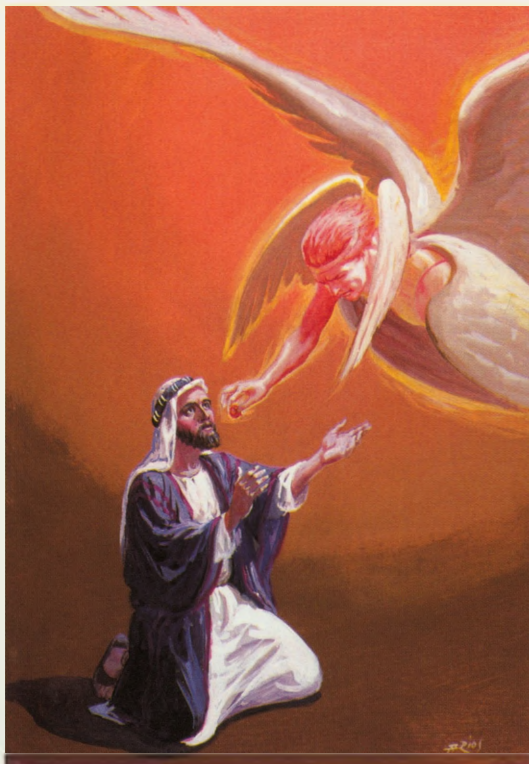
Não sei se já lhe assaltaram dúvidas quanto a ser ou não a vontade de Deus que você esteja trabalhando no lugar onde se encontra. Às vezes, o aparente insucesso num lugar de trabalho pode criar incertezas até com relação ao seu próprio chamado. A certa altura do diálogo, aquele pastor disse: “Às vezes penso que meu lugar não é no pastorado; porque, se Deus realmente tivesse me chamado, não estaria enfrentando tantas dificuldades.”

Muitas vezes, o temor pode gerar dúvida. As dificuldades podem abalar a certeza. As desculpas que usamos podem não passar de mecanismos de defesa para nos proteger da dor que as circunstâncias adversas provocam. Pelo menos foi assim no caso de muitos homens chamados por Deus.

Pensemos, por exemplo, em Jeremias. Quando Deus o chamou, esse profeta sabia das dificuldades terríveis que enfrentaria para cumprir a missão. O povo ao qual Deus o enviara não era um povo receptivo. Inclusive, ele corria risco de vida. Para defender-se, questiona a certeza do seu chamado: “Ah! Senhor Deus”, disse, “eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jer.

1:6), mas Deus lhe deu segurança: “Antes que Eu te formasse no ventre materno, Eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações” (Jer. 1:5).

Perceba como Deus Se identifica como o grande “Eu”. “Eu te formei”; “Eu te consagrei”; “Eu te constituí”. Você sabe que Deus usou essa mesma identificação quando Moisés tremia diante das dificuldades que acharia



para cumprir a missão. Naquela ocasião, o Senhor disse: “Eu sou o que sou. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou a vós outros” (Êxo. 3:14).

Sabe o que Deus está querendo dizer? Que você não é pastor porque quer. No programa eterno para salvar o homem, havia um lugar para você como proclamador do evangelho. Foi Deus

quem o chamou, antes mesmo de você ter nascido. Esse Deus é o eterno “Eu sou”. “Pelejarão contra ti, mas não prevalecerão; porque Eu sou contigo, diz o Senhor, para te livrar” (Jer. 1:19).

Nas palavras de encorajamento que dirige a Jeremias, Deus usa três verbos. O primeiro é conhecer. “Se você se sente como uma criança ou não, se você pode ou não, se está no lugar certo ou não, Eu sei”, diz Deus. “Eu conheço tudo. Conheço você, as circunstâncias que o rodeiam, as dificuldades que enfrenta, seus temores, dúvidas e complexos. Nada existe oculto para Mim. Não diga: ‘sou uma criança’. Eu sei a razão pela qual o chamei. Eu não conheço fracasso.”

O segundo verbo usado por Deus é consagrar. “Eu te consagrei.” A palavra hebraica para “consagrei”, aqui, é o verbo *quadash*, que quer dizer “separar”. Você é um ser humano mas está separado para uma obra sagrada. As pessoas precisam ver que você é diferente. Nas horas de tentação e luta, lembre-se de que, do ventre materno, foi separado para um trabalho santo.

O terceiro verbo é constituir. Disse Deus: “Eu te constituí.” O verbo hebraico aqui usado é *nathan*, cujo significado é encaixar. Quer dizer, Deus coloca no lugar exato, sem mais nem menos. Como um construtor, Ele sabe onde assentar cada pedra. Foi assim que Deus fez de Jeremias Seu mensageiro. Colocou-o no lugar exato onde devia estar, apesar das circunstâncias. Por isso, querido pastor, não permita que a dúvida o assalte, diante das dificuldades. O Deus que o chamou não conhece derrota e, referindo-Se aos problemas que você enfrenta, lhe diz: “Não temas diante deles, porque Eu sou contigo para te livrar” (Jer. 1:8). **M**

Texto integral de todos os 66 livros (incluindo todas as Meditações Matinais de Ellen G. White, desde 1953. São livros raros, não mais publicados pela Casa Publicadora Brasileira). Funciona em todas as versões do Windows até XP.

# É muito fácil encontrar aquelas gemas preciosas de conselho e inspiração.

CD-ROM Obras de Ellen G. White Versão 2.0

Cód. 7303



Use o computador para estudar o Espírito de Profecia.

## Peça Já seu CD-ROM!

Ligue **0800-990606\***,  
acesse **www.cpb.com.br**, ou  
peça hoje mesmo ao **SELS** de sua Associação.

\*Sua chamada pelo 0800 é gratuita. Só recebemos ligações de telefones convencionais.



**Casa  
Publicadora  
Brasileira**

Caixa Postal 34 - Tatui, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800